Anno XXVI. Sexta-feira 25 de Outubro de 1850. N. 242

PARTIDAS DOS CORREIOS.
Goianna e Parahiba, ás segundas e sextas feiras.
Rio-Grande-do-Norte, todas as quintas feiras ao meio-dia.
Cabo, Serinhãem, Rio-Formoso, Porto-Calvo e Maceió, no 1.º, a 11 e 21 de cada mez.
Garanhuns e Bonito, a 8 e 23.
Boa-Vista e Flores, a 13 e 28.
Victoria, ás quintas feiras.
Olinda, todos os dias.

EPHEMERIDES.
Phases da lua. Nova, a 5, aos 36 m. da t. Cresc. a 13, aos 10 m. da m. Cheia, a 21, aos 15 m. da m. Ming. a 28, ás 2 horas da t.

PREAMAR DE HOJE.
Primeira as 8 horas e 30 minutos da manhãa.
Segunda as 8 horas e 54 minutos da tarde.

PREÇO DA SUBSCRIPÇÃO.
Por tres mezes (adiantados) 4$000
Por seis mezes » 8$000
Por um anno » 15$000

DIAS DA SEMANA.
21 Seg. S. Ursula. Aud. do J. dos orf e do m. 1 v.
22 Terc. S. Maria Salomé. Aud. do J. da 2. v. do civel. e do dos feitos da fazenda.
23 Quart. S. João Capistrano. Aud. do J. da 2. v.
24 Quint. S. Raphael Archanjo. Aud. do J. dos orf. e do m. de 1. v.
25 Sext. S. Crispim e Crispiniano. Aud. do J. da 1. v. e. e do dos feitos da fazenda.
26 Sab. S. Evaristo. Aud. da Chanc. e do J. da 2. v. do civel.
27 Dom. S. Elesbão.

CAMBIO EM 24 DE OUTUBRO.
Sobre Londres, a 28 1/2 d. por 1$000 rs. a 60 dias.
» Paris, 333 por Sr.
» Lisboa, 100, por cento.
Ouro.—Onças hespanholas .... 29$000 a 30$000
Moedas de 6$400 velhas. 16$000 a 16$400
» de 6$400 novas. 16$100 a 16$200
» de 4$000 .... 9$100 a 9$200
Prata.—Patacões brasileiros.... 1$960 a 1$980
Pesos columnarios..... 1$960 a 1$980
Ditos mexicanos........ 1$800 a 1$820

DIARIO DE PERNAMBUCO.

PARTE OFFICIAL.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS.

(Continuação do n. 240.)

3.ª secção n. 21. — Rio de Janeiro, em 4 de setembro de 1850.

O abaixo assignado, do conselho de S. M. o Imperador, senador do imperio, ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros, recebêu as notas que em data de 16 e 28 de junho proximo passado lhe dirigio o Sr. D. Thomaz Guido, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Confederação Argentina, ambas relativas á nota do abaixo assignado de 8 de março proximo passado, em resposta a do Sr. Guido de 13 de fevereiro.

Na nota de 13 de fevereiro começa o Sr. Guido dizendo: «O Exm. Sr. presidente, da republica do Uruguay general D. Manoel Oribe, acaba de passar ao abaixo assignado, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Confederação Argentina, os documentos que tem a honra de transmittir inclusos ao Sr. ministro das relações exteriores do imperio.»

A reparação solemne pedida nessa nota era portanto exigida em virtude de ordens do general Oribe, posto que no fim della o Sr. Guido a reclamasse em nome dos governos alliados do Rio da Prata. Essa nota de 13 de fevereiro foi respondida pela do abaixo assignado de 8 de março.

Na de 16 de junho ácima citado o Sr. Guido respondendo áquella de 8 de março por parte do governo encarregado das relações exteriores da Confederação Argentina, e delle só, insiste na satisfação pedida, declarando, porém, que os governos do Rio-da Prata consideravam a resistencia á realisação desse pedido, ou uma desnecessaria demora, como uma negativa de justiça, ou como uma approvação do attentado do barão de Jacuby, o que obrigaria a legação argentina a retirar-se desta corte.

A nota de 28 de junho, tambem ácima citada, sómente tem por fim transmittir ao abaixo assignado a de 7 do mesmo mez, pela qual o general Oribe, completamente de accordo com os desejos e vistas do governo da Confederação Argentina, adhere plenamente á resolução adoptada por esse governo respeito á reparação pedida. E essa resolução a que adhere foi originalmente tomada pelo mesmo general Oribe.

Esta ultima nota veio demonstrar a justiça dos fundamentos capitaes da do abaixo assignado de 8 de março proximo passado. Porquanto, se a exigencia feita na do Sr. Guido de 13 de fevereiro, em nome do general Oribe, era competente e legitima, excusado fôra faze-la depois o Sr. Guido em 16 de junho em nome do governo da Confederação, e adherir depois em 28 o general Oribe a exigencia do governo argentino. Declarando este adherir áquillo que fôra o primeiro a fazer, poz elle mesmo em duvida a competencia e legalidade do primeiro passo que dera.

Exigindo o Sr. Guido pela nota de 16 de junho proximo passado por parte do governo encarregado das relações exteriores da Confederação Argentina, e delle só, a satisfação já pedida, em virtude de ordens do general Oribe, poz por isso tambem em duvida o direito daquelle general em pedir aquella satisfação por meio da legação argentina. A não ser assim, bastaria a exigencia formulada na primeira nota, e não seria necessario que o governo da Confederação se apresentasse separadamente, e que o general Oribe viesse depois adherir, em qualidades que o governo imperial não reconhece, a saber, de presidente da republica Oriental, e de alliado da Confederação.

Ha em tudo isto, e o Sr. Guido não póde deixar de reconhece-lo, ao mesmo tempo que se procura separa-los, uma mistura, uma consolidação do governo da Confederação Argentina com o general Oribe como presidente da republica Oriental, que convem esclarecer. Esta consolidação, que sómente se explica pelo vago da palavra — alliança —, póde vir a ter, com o andar do tempo, e com o desenlace dos acontecimentos, resultados aos quaes o Brasil, na presença da convenção preliminar de paz de 27 de agosto de 1828, e dos seus interesses, não poderia ser indifferente.

E por certo que o governo argentino não tem, nem póde ter a pretenção de negar ao governo imperial o direito de examinar porque orgãos, e com que titulo se lhe pede satisfações, e de discutir essas satisfações, exigindo para presta-las compensações justas e devidas até no interesse da paz, e de evitar a reproducção de novos factos semelhantes.

As notas do Sr. Guido ácima citadas tem um alcance muito maior do que parecem indicar. Dando por ellas a satisfação pedida, o governo imperial reconheceria: primeiro, que o governo argentino tem o direito de a pedir, por factos relativos unicamente a questões com o general Oribe, e em virtude de uma alliança cuja extensão e condições o governo imperial não conhece; segundo, que o general Oribe, não reconhecido presidente legal da republica do Uruguay, teria o direito de a pedir por meio da legação argentina, que o não representa, nem podia representar.

O governo imperial reconheceria como questões da Confederação Argentina as questões do general Oribe, e como questões do general Oribe as da Confederação argentina, e condemnando assim toda a sua politica passada, admittiria a confusa consolidação da autoridade daquelle governo e daquelle general.

« Se o governo imperial, »diz o Sr. Guido« não reconheceu até agora a autoridade presidencial do Exm. Sr. general D. Manoel Oribe, nem por isso recusou discutir com a legação argentina, sobretudo quanto se referia ao estado do Uruguay, entendendo-se umas vezes com o mesmo general pelo orgão do agente diplomatico brasileiro em Montevidéo, quando lhe parecia conveniente.»

O general Guido engana-se, e para o provar, o abaixo assignado lhe recordará os seguintes trechos de algumas notas que em diversas épocas lhe tem sido dirigidas.

Em nota de 11 de abril de 1846 dizia-lhe o Sr. Limpo de Abreu: « O Sr. Guido representa nesta corte o governo de Buenos Ayres, e não o general Oribe, *embora o seu governo o tenha reconhecido como presidente da republica do Uruguay.*»

Em a nota de 17 de dezembro de 1846 dizia o Sr. barão de Cayrú: « Não deve passar sem reparo que o Sr. Guido entenda produzir direito perfeito da Confederação Argentina um decreto publicado em nome do general Oribe como suprema autoridade da republica do Uruguay, e para ser observado no territorio della. Nem o Sr. Guido (a não considerar Oribe como general argentino) está habilitado para reclamar nesta corte, em seu nome, sem competente autorisação na forma do estylo, quando lhe fosse admittida.»

O mesmo Sr. Guido reconheceu que o general Oribe tem representante nesta corte, quando disse em sua nota de 2 de dezembro de 1846: «O abaixo assignado se tem honrado em tomar a seu cargo este assumpto, tanto por referir-se a um governo alliado do da republica argentina, sem representante junto de S. M., como por estar especialmente autorisado para isso pela suprema autoridade de que depende.»

Em nota de 12 de abril de 1847 o Sr. barão de Cayrú declarou ao Sr. Guido que posto estivesse o governo imperial prompto para admittir todas as solicitações do Sr. Guido relativas ao exercito argentino como belligerante contra o governo do estado Oriental do Uruguay, comtudo não póde reconhecer no Sr. ministro argentino titulo algum para representar ante o governo imperial o da republica do Uruguay, e exigir em nome deste a pratica das regras internacionaes.... nem conhece outro governo daquella republica senão o que continúa a residir na capital della, e junto do qual conserva ha muito tempo um representante.»

Esse mesmo espirito domina na nota de 30 de abril de 1846, e em outras muitas.

O abaixo assignado julga sufficientes os trechos apontados, e não accumulará outros para provar o que fica provado, isto he, que o governo imperial nunca admittio a legação argentina como representante e encarregada dos interesses do general Oribe.

E posto em outras occasiões o governo imperial não repellisse a designação de presidente da republica do Uruguay, com que tratava o Sr. Guido o dito general em suas notas, e se prestasse a discutir, para esclarece-lo, um ou outro negocio de menor importancia, relativo ao mesmo general, não póde esse procedimento infirmar declarações tão categoricas como as que ficam citadas. E era isso devido ao desejo que tinha o governo imperial de não azedar as suas relações com a Confederação, por questões de menor momento, e de facilitar o seu arranjo, e á inutilidade de repetir o que por tantas vezes tão positiva e claramente fôra dito. E demais, considerando então o general Oribe como general de forças argentinas, desde que á frente dellas, invadio á republica do Uruguay e as commanda, não podia nesse sentido deixar de acceitar certas discussões.

E em nenhuma das occasiões ácima referidas, nas quaes o governo imperial declinou, pela sua incompetencia, as exigencias feitas pela legação argentina por parte do general Oribe, o governo argentino entendeu que havia denegação de justiça, e que era chegado o caso de retirar a sua legação desta corte.

O facto de haver-se o governo imperial por vezes entendido com o general Oribe por meio do seu agente diplomatico em Montevidéo não aproveita, antes contraria as pretenções do Sr. Guido.

O governo imperial considerou o Sr. D. Manoel Oribe como general das forças argentinas, e considerou-o bem, como tal, depois da nota do Sr. Guido de 15 de junho de 1842. He por certo que essa declaração não inhibia o mesmo governo de entender-se com o dito general directamente, e por meio das autoridades brasileiras em contacto com elle, sobre negocios e reclamações nascidas de ordens e providencias directamente por elle tomadas.

Depois das declarações feitas pelo Sr. Guido, de que o general Oribe he alliado da confederação como presidente da republica oriental, e portanto de que não he general subordinado, não reconhecendo o governo imperial aquella alliança (que nunca lhe foi explicada), e a qualidade de presidente, não fica por isso inhibido de entender-se com o Sr. D. Manoel Oribe, senão como general argentino, como general e chefe de forças que occupam a fronteira e parte do Estado-Oriental, sobre negocios e questões nascidas de ordens e providencias por elle tomadas. He isso conforme e consistente com o facto de reconhecer o governo imperial, o governo de Montevidéo, e com a sua qualidade de neutro.

O governo imperial nunca duvidou, e não duvida entender-se com o general Oribe directamente, e como general sómente, sobre os factos occurridos ultimamente na fronteira. E tanto que expedio ordem ao seu encarregado de negocios em Montevidéo para discutir e tratar as questões relativas ao barão de Jacuhy com o general Oribe, e essas questões estão pendentes, como o Sr. Guido verá das cópias juntas.

O que o governo imperial recusou, e recusa admittir, he que o governo argentino tome essas questões a si; he admittir o ministro argentino como representante do general Oribe; e nisso vai de accordo com todos os seus precedentes.

E o Sr. Guido tanto o reconhece que, para autorisar-se, funda-se em uma alliança entre a Confederação Argentina e o general Oribe.

Pedindo o Sr. Guido, em nome do governo argentino uma satisfação por factos occorridos com o Sr. general Oribe, fundado em uma alliança, não póde contestar ao governo imperial o direito de examinar esse fundamento, muito principalmente quando este não tem, nem póde ter, uma ideia clara da extensão e condições dessa alliança.

Não a tem, nem a póde ter, á vista das declarações do mesmo Sr. Guido.

Em sua nota de 18 de dezembro de 1847 diz o Sr. Guido: « O abaixo assignado elevou esse novo incidente ao conhecimento do seu governo, e S. Exc. o autorisou em consequencia para declarar, como solemnemente declara, ser inteiramente destituida de verdade a existencia de tratado qualquer que seja, nem verbal, nem escripto, nem publico, nem secreto, como S. Exc. o Sr. general Oribe, pelo qual se haja concertado uma alliança que não a teria reservado, quando não entrou nunca em suas vistas provocação, nem hostilidade contra o imperio, e quando lhe era licito contrahi-la com qualquer estado soberano, qual a republica do Uruguay.»

« Tão explicito quer o governo da Confederação que seja seu representante junto de S. M. Imperial sobre este ponto, que lhe manda assegurar « que das pretendidas allianças não existe outra com o presidente general Oribe, senão a que de facto era indispensavel e natural para combater a rebellião dos inimigos internos e a intervenção européa, e para defender a independencia dos orientaes e argentinos; e que a guerra que sustentam os governos do Rio da Prata só teve e terá esse unico e exclusivo fim; sem no entanto estar esta combinação formulada, nem definida em facto algum escripto, nem em convenios verbaes.»

Em vista de uma declaração tão positiva e cathegorica, qual he, qual póde ser essa alliança que agora se invoca?

Ella não foi declarada em 1842 como parece querer indicar o Sr. Guido.

Informado o governo imperial officialmente de que um exercito argentino sob o commando do general Oribe devia ter passado o Uruguay para invadir o territorio da republica oriental, pedio ao governo argentino explicações officiaes em nota de 11 de junho de 1842 sobre as intenções com que as forças argentinas intentavam aquella invasão.

O Sr. Guido em sua resposta datada de 15 de junho de 1842 não indicou a existencia de alliança alguma, reconhece que a invasão do territorio oriental he feita unicamente por tropas argentinas, falla sómente em nome do governo argentino, como se vê de todo o texto daquella resposta. E assignalando a causa daquella invasão, dá como tal a existencia politica de Rivera no Estado-Oriental, por quanto diz:

« O governo argentino não tomou pois as armas por espirito de conquista, nem por nenhum desses principios ignobeis capazes de por em ambiguidade sua lealdade e renome. Foi forçado a defender-se da aggressão de um vizinho anarchico: a declaração de guerra de Rivera contestou, pondo em pé as forças nacionaes para destruir suas nefandas machinações no territorio argentino, para desbaratar sua alliança com os implacaveis inimigos da Confederação, e para extinguir o germen de discordia perpetua inseparavel de sua existencia politica no estado Oriental.» E accrescenta — « que o governo argentino, longe de obstinar-se insensatamente na continuação da guerra que motivou a invasão, se teria felicitado de poupar a ambos os estados as calamidades de uma larga contenda, e de offerecer sua ampla condescendencia ás benevolas e amigaveis officiosidades de altos poderes em favor de um pacifico accordo, se a existencia de Rivera no territorio que opprime, se conciliasse com duração da paz: perdida porém para sempre a esperança com a existencia de um caudilho franco na verdade, mas sem escrupulo para a decepção, recusa adormecer na confiança de qualquer compromisso contrahido á sombra de Rivera, etc.»

Portanto, das explicações dadas pelo governo argentino em 1842 não se colhe a existencia de alliança alguma como o Sr. Guido pretende inculcar. Nem podia existir nos termos dessas explicações, e tendo Oribe entrado no territorio oriental com o titulo de general em chefe do exercito da Confederação Argentina.

E o que significaria uma alliança de facto entre um governo e seu general?

E dado mesmo que essa alliança tivesse existido naquella época, teria desapparecido com as causas que produziram, e com o fim que teria tido em vista. Teria desapparecido com o desapparecimento de Rivera da scena politica, com as batalhas do Arroio-Grande e da India Morta, e com a impossibilidade em que está hoje de reerguer a sua influencia na Banda Oriental. Teria desapparecido com o repudio e proscripção do dito Rivera pelo governo de Montivideo e pelos mesmos que o apoiavam.

E se essa alliança concebida depois teve por fim resistir á intervenção européa, como insinuou depois o Sr Guido em sua nota de 18 de dezembro de 1847, não póde ella ser hoje invocada, tendo desapparecido essa causa. A intervenção ingleza retirou-se completamente pelo tratado Southern; a franceza parece que está a desapparecer com a nova negociação do almirante Le Prédour.

Que alliança he essa portanto em que se funda o Sr. Guido, e qual he o seu fim e alcance?

Quando em uma questão entre o Brasil e um general que occupa o territorio de um Estado vizinho, cuja independencia o Brasil garantio, sobrevem um terceiro e mette-se de permeio, toma a si a questão, e exige em seu nome e daquelle general uma satisfação solemne, em virtude de uma alliança, que reconhece não estar formulada, nem definida, nem mesmo em convenios verbaes, não terá o Brasil o direito de examinar e descutir o titulo em virtude do qual se lhe faz semelhante exigencia? E porque na nota de 8 de março proximo passado o abaixo assignado a declina por não conhecer a extensão e condições dessa alliança, o Sr. Guido em lugar de a explicar, deixando-a na mesma obscuridade em que a deixara a sua nota de 18 de dezembro de 1847, insiste na satisfação pedida, e declara que se lhe não fôr dada, ou se fôr demorada, a legação argentina terá de retirar-se desta côrte.

Qualquer outra nação teria o indisputavel direito de exigir a exhibição do titulo, em virtude do qual se lhe faria huma requisição semelhante, porque he de razão que quando damos uma satisfação, tenhamos ao menos a consolação de saber que a damos a quem tem direito de no-la pedir. E se qualquer teria esse direito, muito mais o tem, muito mais importante he para o Brasil, compromettido pela convenção preliminar de paz de 27 de agosto de 1828, a defender a independencia da Republica Oriental do Uruguay.

Não poderá essa alliança prejudicar essa independencia, e os direitos e obrigações que o Brasil deriva dessa convenção?

Não terá o Brasil o direito de examinar e saber em que ella consiste? O abaixo assignado não deixa por isso estabelecido que aquella alliança prejudique essa independencia. Mas negocios tão graves, e que interessam de tão perto os direitos de nações, não podem permanecer na obscuridade, no vago de palavras e protestações geraes, e muito menos do instincto de que falla o Sr. Guido; mas antes devem ser esclarecidos por uma maneira positiva que fixe o presente e evite difficuldades para o futuro.

A questão portanto pela maneira por que se formula o apresenta, não he uma questão restricta ao procedimento do barão de Jacuby, que o governo imperial não approvou nem approva. Tem muito maior alcance.

A concessão da satisfação pedida pela maneira por que se pede e formula teria as seguintes immensas e gravissimas consequencias.

O reconhecimento de uma alliança não formulada nem definida, nem mesmo convenios verbaes, entre a Confederação Argentina e o general Oribe, a respeito dos negocios da Republica Oriental, cuja independencia o Brasil se obrigou a defender, e he do seu maior interesse.

O reconecimento do direito da Confederação Argentina de tomar a si, e de metter-se de permeio em todas as questões entre o Brasil e o general Oribe.

O reconhecimento da legação argentina como representante e orgão do mesmo general.

O reconhecimento,* ao menos indirecto, do general Oribe como presidente legal.

Aquelle passo, pelo seu alcance, prejudicaria toda a politica passada e futura do Brasil nos negocios do Rio da Prata.

O governo imperial aceitou em 1842 o titulo do argentino para fazer a guerra, como diz o Sr. Guido, mas aceitei-o nos termos da sua resposta á interpellação de 11 de junho de 1842, e essa aceitação não póde ter maior comprehensão e alcance do que aquella resposta tinha, nem proceder em circumstancias differentes. O governo imperial, diz mais o Sr. Guido, offerecia a sua alliança á Confederação Argentina para debellar a seu inimigo, mas o Sr. Guido esquece que a alliança contra o governo de D. Fructuoso Rivera foi solicitada por elle na nota de 4 de janeiro de 1843, desenvolvida no *memorandum* de 5 de fevereiro do mesmo anno, e projecto de convenção que o acompanhou; que essa alliança não foi levada a effeito pela recusa do mesmo governo argentino, que a sua proposição foi aceita e desenvolvida pelo governo imperial no mesmo espirito da resposta á interpellação de 11 de junho, e porque Rivera se tinha alliado aos rebeldes do Rio Grande do Sul.

O Sr. Guido esquece tambem que o principal fundamento pelo qual depois, em nota de 25 de abril de 1843, declarou que o seu governo não acquiescia á sobredita alliança, era o seguinte: por ser inconveniente um tratado desse genero sem a concurrencia e acquiescencia do Exm. governo legal da Republica Oriental do Uruguay, especialmente quando o Exm. Sr. presidente brigadeiro D. Manoel Oribe (diz o Sr. Guido) esta reconhecendo, etc.

Póde-se concluir de uma alliança projectada para acabar a influencia de Fructuoso Rivera, entre o Brasil e a Confederação Argentina só, a existencia, extensão e condições de outra que não póde mais ter esse fim, porque a influencia do dito Rivera está completamente acabada?

Póde-se concluir de uma aliança projectada entre o Brazil e a Confederação Argentina, que he a final repellida por esta, por não ser admittida pelo Brazil a concurrencia e aquiescencia do general Oribe, que o mesmo Brazil admitte e reconhece uma aliança não formulada, nem definida entre a Confideração e o dito general?

O abaixo assignado não examinará, por lhe parecer esse exame alheio a presente questão, se a replubica oriental estava comprimida pela força quando começou a guerra, e se a oppinião nacional, e a reacção de que falla o Sr. Guido, se podiam tornar geraes com espontaneidade a sombra de um exercito invasor.

O Sr. Guido lembra a declaração do governo imperial, de que a entrada do general Oribe em Montivideo não seria razão para alterar a sua neutralidade.

« O abaixo assignado pede licença para reproduzir textualmente as palavras da nota de 26 de junho de 1845 ao ministro das relações exteriores da republica do Uruguay, a qual o Sr.. Guido parece alludir. Diz ella: « Que como o simples facto de cahir a praça de Montivideo em poder dos sitiadores não destruiria despido de outras circumstancias, a independencia do estado oriental, he claro que o governo imperial, ainda na presença desse facto, que alias lamentaria, não podia julgar-se autorisado a intervir. Aquelle facto quando se realisasse, seria um dos fins das hostilidades que o governo de Buenos-Ayres promove contra o governo da Republica Oriental do Uruguay.

Desta declaração não se póde deduzir inferencia alguma favoravel ao que pertende o Sr. Guido. Ella não considera nem podia considerar D. Manoel Oribe como presidente, mas como general das forças sitiadoras. De accordo com as explicações dadas á interpelação de 11 de junho de 1842 considera as hostilidades como provenientes da Confederação Argentina, e a guerra como tendo o fim indicado naquella resposta.

Então a influencia de Rivera ainda não tinha sido reduzida a nullidade. Apresentava-se a intervenção da França e da Inglaterra, que tanto complicaram o andamento e desfecho dos negocios do Rio-da-Prata.

Hoje a influencia de Rivera está completamente acabada. A intervenção ingleza terminou por uma convenção. Aquelle pela qual tem de terminar a intervenção da França esta concluida, ao menos com o governo argentino, *ad referendum.*

A declaração de 26 de junho de 1845 não póde portanto ser hoje invocada, e não ligou a politica futura do governo imperial em diversas circumstancias, como de suas proprias palavras se deprehende.

O abaixo assignado não duvida de que haja affinidade de vistas entre o Sr governador Rosas e o Sr. general Oribe. Mas quando essa affinidade de vistas se diz consagrada por uma alliança, deve ser concedido a uma potencia, como o Brazil, tão interessada nos negocios do Rio-da-Prata, o esclarecimento necessario para avaliar a extensão e condições dessa aliança.

Accrescenta o Sr. Guido que, quando o abaixo assignado não visse nelle o representante da alliança referida, não poderia negar-lhe caracter bastante para tratar dos direitos do belligerante argentino na Banda Oriental.

Mas no caso em questão, e á vista da convenção de 27 de agosto de 1828, não basta hoje o governo argentino dizer: eu sou belligerante. — Cumpriria explicar a sua posição actual, e essa alliança de que falla. O governo argentino na resposta que deu ás interpellações de 11 de junho de 1842 o reconheceu. Declarou-se então unico belligerante, e que a guerra tinha por fim destruir a influencia de Rivera.

Hoje não se apresenta mais como simples e unico belligerante, mas como alliado do general Oribe, e a guerra não póde ter mais aquelle fim.

As explicações dadas áquellas interpellações já não militão hoje.

Se o governo argentino em 1842, e á vista da convenção de 27 de agosto de 1828, entendeu dever dar explicações sobre a maneira e fim para que era belligerante, muito mais o deve fazer hoje, quando desappareceu aquelle fim, quando não faz a guerra só, mas declara ter um alliado, e quando a guerra e a alliança dizem respeito ao estado oriental cuja independencia o Brazil se obrigou a defender.

Declarando ter uma alliança, fundando-se nessa alliança para pedir reparações, não póde o governo argentino, para deixar de dar explicações, dizer mais: -- Ponde de parte a alliança, e considerai-me como unico belligerante. -- Uma abstracção semelhante, contraria as proprias declarações ultimas do governo argentino, nullificaria os direitos e obrigações que a convenção de 27 de agosto de 1828 impoe ao Brasil, e por isso não póde ser admittida.

He, com effeito difficil discreminar o que póde prejudicar o general Oribe, sem prejudicar igualmente o exercito argentino, não estando definidos, nem ainda em convenios verbaes, mas dependentes unicamente do instincto de mutua defesa, o fim e condicções da coalisão de que falla o Sr. Guido, e a parte que cada um tem na guerra. He questão que sómente o governo argentino, ou o general Oribe poderiam resolver, e que o governo imperial nem se quer poderia examinar por falta de dados.

No caso de guerra, e de alliança entre belligerantes, um facto que prejudica a um póde prejudicar ou deixar de prejudicar a outro, segundo a natureza, importancia e alcance deste facto, e a parte que o mesmo belligerante tem na guerra e fim della.

Prescindindo da ultima consideração, que por falta de dados, como acima disse, o abaixo assignado não póde discutir, entende elle que a natureza, importancia e alcance dos factos praticados pelo barão de Jacuhy não são do numero daquelles que prejudicando a um alliado prejudicam necessariamente o outro.

Os factos praticados pelo barão de Jacuhy verificaram-se em lugar distante do theatro da guerra, e não prejudicaram as suas operações. A força do barão de Jacuhy foi repellida pela que se achava guarnecendo a fronteira do outro lado do Quarain, e que alli se achava antes, e independentemente da ultima entrada do mesmo barão.

Esses factos não são novos, não tem côr e alcance politico, nascem das causas apontadas pelo abaixo assignado em sua nota de 8 de março proximo passado.

O Sr. Guido reconhece isso quando diz em sua nota de 13 de fevereiro proximo passado: « He a quarta vez, Sr. ministro, que o « barão de Jacuhy invade com os seus sequazes a republica do Uruguay. Das tres « primeiras o governo imperial está já informado pelo summario enviado a S. Exc. « por esta legação em 28 de dezembro « proximo passado, no qual não só as successivas entradas do barão, como tambem a extração furtiva dos inumerosos « gados do estado oriental, proprios e « alheios, estavam detalhadas e comprova« das, etc. »

O governo argentino não se queixou das

ILEGÍVEL

tres primeiras entradas, que agora chama invasões, porque a nota de 28 de dezembro proximo passado, primeira que trata deste assumpto, tem por fim dar explicações provocadas pelo abaixo assignado.

E não se queixou certamente porque essas entradas, essas correrias, essas aggressões tem sido raciprocas e repetidas, e são inevitaveis na fronteira, tem tido por fim reagir contra o violento esbulho da propriedade de brasileiros. São inevitaveis existindo, como existe, refugiado na provincia de S. Pedro do sul grande numero de brasileiros, reduzidos a miseria, apesar de possuirem do outro lado do Quaraim, estancias e gados de que foram violentamente esbulhados.

Se as tres primeiras entradas do barão de Jacuhy eram invasões, e se tem direito de o fazer, porque não se queixou o Sr. Guido: se o eram, e não se queixou dellas, porque, queixando-se da quarta, o faz pedindo logo satisfações solemnes, e accrescentando que se não forem dadas, a legação argentina retirar-se-há desta côrte? A circumstancia de ser a quarta entrada do barão de Jacuhy feita com mais gente, muda tão extraordinariamente a natureza do facto? Pelas tres primeiras entradas contentou-se o general Oribe com sequestrar a estancia do barão, e prender-lhe o capataz. Pela quarta invoca-se uma alliança, e em nome della pede-se uma satisfação solemne, e declara-se que a não ser dada, a legação argentina retirar-se-há desta côrte. E isto depois de haver o governo imperial dado as mais terminantes e efficazes providencias, para consegnir, como conseguio, o desarmamento e dispersão das forças do barão de Jacuhy.

A circumstancia de haver sido concluida e ratificada a convenção com Mr. Southern, e de prestar-se a França as novas negociações para dar fim á sua intervenção, não podia certamente contribuir para que factos que não excitaram reclamações revestissem depois, apresentando-se pela quarta vez, um caracter differente e tão extraordinario.

O esbulho e as violencias, que são a causa primordial do procedimento do barão de Jacuhy, e de outros, são porventura provenientes de ordens do governo argentino? Não. Foi o governo argentino que obrigou tantos brasileiros a abandonarem suas propriedades, que poderiam fornecer-lhes meios de viver na abastança, para virem viver na miseria, e como refogiados na provincia de S. Pedro do sul? Não. Foi o general Oribe. Com o general Oribe he portanto a questão, com elle, como general, que occuppa o territorio entre o Quaraim e o Arapehy: com elle, como quem deu aquellas ordens, he que o governo imperial deve e pretende discutir (como esta discutindo) estes negocios.

Mas o governo imperial não póde aceitar essa discussão para uma solução com o governo argentino, nem admittir a legação argentina como representante do general Oribe pelas rasões que ficam ponderadas.

Portanto o abaixo assignado não continuará com o Sr. Guido a discussão constante da segunda parte da sua nota, e que esta pendente com o general Oribe, como o Sr. Guido verá das copias juntas, em virtude das ordens que o governo imperial expedio ao seu encarregado de negocios em Montevidéo. O abaixo assignado expoz os factos que servem de base aquella discussão em sua nota de 8 de março proximo passado, unicamente para esclarecer a questão, e por mera deferencia.

A questão sobre o procedimento do barão de Jacuhy esta portanto pendente, não com o governo argentino, não com a legação argentina, mas com o general Oribe.

De facto de não reconhecer o governo imperial o titulo com que o governo argentino se envolve nesta questão para pedir-lhe satisfações; do facto de não reconhecer a legação argentina como representante do general Oribe, não se segue que approve o procedimento do barão de Jacuhy, que ja declarou desapprovar, em a nota de 8 de março proximo passado.

Mas a nota do Sr. Guido e a sua conclusão podem traduzir-se assim: « Reconheci o direito que toma o governo argentino de ingerir-se em todas as questões que podem nascer de ordens e procedimentos do general Oribe, sem que sequer vos explique ou exhiba o titulo em que fundo esse direito; reconhecei a legação argentina como representante do general Oribe, senão o governo argentino dará por approvado o procedimento do barão de Jacuhy, embora o tenhais desapprovado, e fará retirar a sua legação desta corte.»

O Sr. Guido ha de reconhecer que essas soluções teriam um alcance extraordinario, que poderiam burlar completamente os direitos e obrigações que impoem ao *Brasil* a convenção de 27 de agosto de 1828.

Entre a importancia dessas soluções e a aggressão do barão de Jacuhy reduzida as suas verdadeiras proporções quanto as suas causas, fins e resultados, ha uma distancia immensa.

O abaixo assignado, portanto, confirma e sustenta a solução dada pela sua nota de 8 de março proximo passado, e esperando que o governo argentino, reconsiderando a materia, desistirá do seu intento, aproveita-se da oportunidade para renovar ao Sr. Guido as expressões de sua perfeita estima e destincta consideração.

Paulino José Soares de Souza.

EXTERIOR.

ROMA 24 DE AGOSTO DE 1850.

Os ultimos acontecimentos que tiveram lugar em Turim occupam quasi exclusivamente a attenção da côrte papal, e se um meio termo não fôr adoptado, he provavel que elles venham a ser um embaraço serio para ambos os governos. Além do ministro residente, o marquez de Spinola, o qual tem prestado valiosos serviços, temos agora aqui o cavalheiro Pinelli, que veio encarregado de uma missão especial ao Vaticano, porém creio que nenhum delles alcançará bom resultado, porquanto Pio IX confidente na verdade de sua missão e pureza de suas intenções não cedera, e a Igreja ainda desta vez recorrera a sua costumada resistencia passiva. He para mim fora de duvida que se o cardeal Antonelli; o qual tem conhecimento do mundo fosse a unica pessoa encarregada do manejo deste negocio, um ajuste rasoavel poderia ser arranjado; porém, quando o cabeça do estado conscientemente imagina que ganha uma corôa eterna no Céo sustentando os direitos da igreja na terra, não tenho esperanças de que se faça nenhuma concessão que possa satisfazer o partido liberal no Piemonte.

Não posso deixar de pensar que o marquez de Azeglio lamenta sinceramente terem as cousas chegado a tal extremo, e que o conselho do Vaticano tambem lamenta o indiviso zello do arcebispo de Turim, porem nem um, nem outro recuará claramente na carreira enectada; o primeirio, porque teme as camaras; o segundo, porque persiste na maxima « que onde se deu escandalo publico, deve-se fazer uma reparação publica. Comtudo, creio que passado um certo tempo se adoptará o mesmo meio termo que foi adoptado pelo papa Gregorio XVI e o rei da Prussia no negocio do arcebispo de Colonha. O rei cedeu a todas as exigencias do Quirinal, mas o papa concordou em remover o arcebispo para outra Sé.

Em materias religiosas o papa deve ser obedecido implicitamente; portanto, ou o governo sardo se desembaraçará do catholicismo romano, ou não terá outro remedio senão ceder.

Posto que o nuncio apostolico em Turim tenha já sido revocado, todavia he para mim um symptoma favoravel da parte da igreja o não se terem ainda enviado passaportes ao marquez de Spinola, pois parece que a conducta firme, varonil e moderada dêsse cavalheiro, lhe tem grangeado o respeito e a confiança do vaticano. Se alguma cousa em fórma de conciliação póde ser effectuada, o será pelo Sr. Spinola, e sinceramente, desejo que o Sr. de Azeglio ponha inteiramente em suas mãos o manejo desta *difficultosa questão.* O papa concede hoje uma entrevista á missão extraordinaria e seria para desejar que ella abatesse alguma cousa as suas altas pretenções; mas se me he dado penetrar as intenções do conselho creio que isso não terá lugar.

O correio romano começou outra vez a excluir rigorosamente aquellas gazetas estrangeiras que expressam opiniões desfavoraveis á côrte papal, ou a qualquer ramo corrupto da administração. Toda a imprensa democratica de Inglaterra, França e Toscana esta ha muito prohibida, e comquanto o *Times*, o *Galignani*, e o *Journal des Débats*, tinham nominalmente entrada livre, não se passa um dia em que um ou outro não seja excluido. Estas precauções, comtudo nem sempre approveitam, pois desde o tempo de Eva o fructo prohibido tem sido sempre o mais desejado, e quando uma gazeta não nos he entregue aqui, procuramos por meios indirectos obtê-la de Turim, ou Florença. Eu poderia tolerar este rigor se os artigos que tendessem a subverter o governo romano fossem os unicos condemnados, porém os ignorantes censores espantam-se de qualquer sombra, e se apparece a menor palavra de reprovação, a infeliz gazeta he condemnada ás chamas. Não censuro o correio por não permittir que circulem publicações republicanas e revolucionarias depois da experiencia do anno passado, porem acho mau de mais que o *Times* e o *Debats*, os quaes contém san doutrina e noticias de todas as partes do globo, sejam queimados, e que a mais perfeita e imparcial compilação de todas as gazetas que se póde desejar, o neutral *Calignani*, seja excluido. Representações teem sido feitas, porem de balde, e até as proprias gazetas enviadas aos diplomatas residentes, para com as quaes até hoje se tinha mostrado alguma cortezia, são agora sujeitas a mesma severidade.

Dous batalhões francezes de infanteria ligeira tiveram ordem de partir para a Algeria. O exercito de occupação depois de 10 do mez proximo futuro não excederá de 9,000 homens.

O papa permanecerá em Roma eté a celebração do consistorio para a creação de novos cordeaes.

(Correspondencia do Times.

O peior de todos os systemas de governo parece ser o da monarchia electiva. Um monarcha hereditario com uma lei que elle seja obrigado a respeitar, e uma constituição que o habilite a fazer uso da sabedoria e da experiencia, e bem assim a consultar a vontade de seu povo tem provado admiravelmente bem. O chefe electivo de uma republica he uma especie de executivo que não tem sido tão plenamente experimentado, porém que todavia tem sido experimentado com grande e assignalado successo. Uma monarchia electiva levou a Polonia a sepultura; e em França, onde ha meio seculo, os reis teem sido virtualmente electivos, e onde o actual chefe da republica he monarchico por posição e pretenções, assim como por sentimento, ella tem produzido resultados que estão longe de ser satisfactorios.

Se Luiz Filippe tivesse subido ao throno como herdeiro legitimo de uma monarchia antiga, teria sido mui provavelmente um soberano grande e não impopular; elle não se teria submergido nas pequenas anciedades de uma familia, nem teria sido trahido por esses cuidados domesticos de excessiva inquietação a respeito de seus filhos, os quaes fizeram-no praticar tantas baixezas e expozeram-no a tanto despreso. Armado com o direito hereditario elle teria visto a sabedoria de fazer concessões populares; e cercado por homens de posição eminente e segura, os quaes o teriam feito respeitavel, seu caracter não teria sido marcado por essa desconfiança e depreciação de todos os politicos que o serviram, os quaes transformaram a todos em seus inimigos, e finalmente dirigiram e armaram contra elle uma especie de conspiração de todo o mundo politico de França

Nenhum homem podia ser mais completamente improprio do que Luiz Filippe, para cumprir as promessas e satisfazer as espectações pelas quaes fôra eleito rei. Elle foi elevado ao throno por uma porção de politicos liberaes, os quaes arriscaram suas vidas, esperanças e fortunas em seu favor; completando, primeiramente a destronisação da dynastia legitima, e depois enganando o povo na crença de que iam estabelecer um monarcha verdadeiramente popular e liberal. Qualquer que tenha sido a má fé praticada nas declarações e convenções feitas no *Hotel de Ville*, he innegavel que o povo de Paris tinha então o poder e o direito de confirmar ou regeitar sua nomeação; e que se aceitou Luiz Filippe, foi sómente pela segurança que se lhe deu de que a sua monarchia seria baseada sobre leis populares e cercada de instituições republicanas.

Não obstante isso, Luiz Filippe mostrou-se tão cedo desconfiado dos homens que o fizeram rei, e adoptou tão immediatamente uma politica reaccionaria secreta e geral, que he impossivel não considerar sua conducta na revolução de 1830 como peça da mais consummada hypocresis. Entretanto que assentia a todas as declarações populares de Lafayeth e Laffith, elle envisva o duque de Mortemart a S. Petersburgo para assegurar ao imperador da Russia que nada seria mudado. O que elle disse á Inglaterra, ou o que levou um gabinete tory a reconhecê-lo tão promptamente, he ainda hoje um segredo, porém cremos podêr declarar que da caixa de Pandora nunca sahio um sortimento tão variado, vil e nefando de mentiras e maldades, como as promessas que o rei dos Francezes fez a todo o povo, a todos os politicos e a todos os paizes com o designio de assegurar a sua elevação.

A primeira qualidade que os Francezes tiveram logo que reconhecer no seu rei foi a ingratidão. Quinze dias não eram ainda passados quando Laffith vendo-se primeiro ministro sómente *in nomine*, resignou o seu lugar, e este fazedor de reis, pobre e arruinado servio simplesmente para assignalar a moral de um *vaudeville*. Nada faz mais impressão em um povo do que o tratamento que os monarchas dão aos seus amigos. A conducta de Jorge IV a este respeito foi o fundamento de sua impopularidade, e os Francezes formaram sua opinião ácerca de Luiz Filippe, pela contemplação da que la de Laffitte. Seu caracter assim annuviado foi depois cheio com as recriminações de todos os ministros que o serviram desde o successor de Laffite até o predecessor de Lamartine. Casimir Perier, Thiers, Guizot, Molé, Parry, todos e cada um de per si reforçaram sem reserva a opinião geral acerca do Ulysses das Tulherias na sociedade, e mais ou menos claramente pela tribuna e pela imprensa; entretanto no meio desse clamor geral uma só voz não se ergueu para defender o caracter do rei.

Causa riso ouvir hoje o bando de politicos que passaram annos infamando assim e rebaixando a reputação de Luiz Filippe, expressarem a sua admiração á vista do rompimento da execração popular que o destronou. Foram elles proprios que semearam as sementes da desaffeição popular. Foi a linguagem por elles empregada que desacreditou inteiramente o velho rei. A revolução de 1848 he actualmente attribuida por alguns desses historiadores moderados á audacia das secções communistas, ou ao tiro de pistola de Lagrange; entretanto que o facto he que o odio a Luiz Filippe, o qual fez que a canalha entrasse em seu palacio, não foi senão o effeito e a consequencia da diffamação lançada sobre elle pela classe mais elevada dos escriptores e oradores politicos Não foram os homens do *National*, nem da *Reforme* que destruiram o throno de Luiz Filippe, porém os escriptores, cortezãos e ministros, que frequetavam seus salões e sentavam-se em seus gabinetes privados.

O grande erro desse monarcha, bem como o de Napoleão, foi esquecer-se do povo e não fazer conta com o mesmo. Elle tinha sido tão facilmente illudido em 1830 e esmagado com tão pouco custo depois, que Luiz Filippe creo o espirito de insurreição popular para sempre morto, e nem mesmo pareceu admittir a possibilidade de sua resurreição, senão quando ella appareceu de repente no limiar de seu palacio. Seu unico cuidado e anciedade, toda a sua precaução e todas as suas attenções, eram dirigidas para as classes politicas, tanto em sua propria capital, como nas capitaes dos outros paizes. A' estas elle lisongeava, neutralisava e intrigava. Sobre estas elle exercia toda a sua destreza, esquecendo inteiramente a arte muito mais necessaria de lisongear e ganhar a opinião publica. Esta ultima poderia não ter sido tão difficultosa para elle como o foi a outra! Certamente seu lamentado filho o duque de Orleans, tinha-se feito popular; e posto que inferior em capacidade a seu pai, o joven principe tinha mostrado um senso intuitivo do que era necessario a sua posição e aos seus desígnios, porém com elle morreu a esperança da dynastia, a qual todos, excepto sómente os mais interessados, conheciam claramente que Luiz Filippe por fim inteiramente dispopularisaria e arruinaria.

Essa crença tornou-se irresistivel. Ella existia na propria atmosphera. Era uma crença tão geral e tão forte, que até o droguista não tinha mais fé no rei cidadão, e aguardava contente a invasão do seu palacio, e a distruição de todas as insignias reaes, emblemas do logro e traição, de que tinha sido victima, pelas mais baixas classes da população.

A historia franceza desses ultimos tempos, tem contribuido muito para a destruição de uma crença, que julgamos ser geral em França, isso he, que a astucia he tudo para ser bem succedido em politica, e a honestidade ou a generosidade do fim nada. Na metade do seculo ultimamente passado, a França tem mostrado o exemplo de dous principes, ambos de grande talento, ambos muito egoistas, e ambos muito despresadores dos principios e dos homens, todavia o grande genio de um, a grande experiencia e sagacidade do outro, conduziram ao mesmo fim, a queda repentina e a inteira destruição de seus reinados, de suas dynastias, de seus projectos, de sua politica. As familias Orleans e Bonaparte foram carregadas pelo vento como um baralho de cartas, porque ambas para assegurar seus proprios fins costumavam sacrificar tudo, seus amigos, seu paiz, seus principios: portanto foi a mais natural e saudavel forma da vingança, que os homens e as cousas conspirassem para completar sua bem merecida ruina.

(Examiner.)

Communicado.

breve e ultima resposta do Brasilicus *ao Sr.* Americus, *sobre o decantado monopolio das carnes verdes.*

Todo ancho e vaidoso apresentou-se o Sr. Americus, combatendo o nosso ultimo communicado, e o que mais he, dando-nos lições de synonymia e jurisprudencia, sem lembrar-se de que já lhe haviamos declarado que o não queriamos para nosso mestre; e occupado com a questão de palavras, na qual como que se acastellou em falta de argumentos convincentes, quasi que nada disse sobre o assumpto principal.

Illustrissimo! não usaremos do mesmo expediente, e apezar que tenhamos rasão sobeja para continuar á sustentar que o substantivo *aleivozia* foi por nós muito bem empregado em um dos nossos communicados, e que S. S. não entendeu o codigo criminal na citação que delle fez; não soube mesmo fazer uma applicação logica das expressões contidas no artigo 229, com tudo parece-nos que he mais conveniente ao publico tratar de esclarecer os factos e desmascarar a calumnia, do que adoptar a velha tatica do nosso antagonista, que consiste em suprir a exiguidade e acanhamento dos seus raciocinios, com a analyse da propriedade dos vocabulos. Assim, pois, abandonando aquelle meio ao nosso Fr. Gerundio, filologo, rhetorico e mais que tudo curedador das questões, occupar-nos-hemos da materia que verdadeiramente interessa: isto he, do monopolio que, diz elle, existir nesta cidade a respeito das carnes verdes.

Em os nossos antecedentes communicados, provamos da maneira mais clara e positiva que a causa da caristia das carnes era, não o supposto monopolio, mas a falta de gado em consequencia da secca transata, e bem assim a especulação dos atravessadores, e diversas outras circumstancias, que fazendo elevar o valor de cada boi, obrigavam os marchantes á não poderem vender as carnes por preço menor do que aquelle que até o presente ellas teem tido: mas o Sr. Americus não se satisfez com isto, e bem longe de apresentar rasões que destruissem as que haviamos produzido, limitou-se a repetir o mesmo que de outras vezes dissera, acrescentando apenas que no Recife existe um sujeito a quem os marchantes pagam os alugueis de uma casa, que se acha fechada para que não continue a existir nella um antigo e afreguezado talho de carne: que em Beberibe existe um marchante que recebia da caixa marchantal 30,000 rs. para não ter talho; e finalmente que nos devidendos, cada um dos monopolistas recebe por dia de 60 a 80,000 rs. de lucro. Bem! Porque não tem tido o Illm. a bondade de declarar os nomes desses individuos, para se poder verificar se he exacto o que tem elle afirmado? Porque guarda a tal respeito um silencio tão absoluto? Não temos nós exigido por diversas vezes que S. S. indique os individuos por seus nomes para assim poder alcançar sobre nós uma victoria assignalada? E porque rasão insiste em não satisfazer a nossa exigencia? Terá medo? Não: porque o homem que outr'ora adherio á doutrina dos pitiás, não pode amedrontar-se quando se trata da declaração de nomes exigida pela necessidade de provar a veracidade de suas asserções: portanto, concluiremos que os seus arrasoados são fundados em falsidades, e como taes não podem criar convicções entre as pessoas que souberem devidamente apreciar as estrategias que *S. S.* emprega para popularisar-se, e assim ter um assento na camara quatrienal. Ah! Que firmos o Americos no ponto mais essencial de todos os seus desejos, na sua *filantropia*, no seu *desinteresse*, na sua *caridade*, no seu *amor pelo bem estar das classes indigentes*! E que vibração não sentirá elle quando lêr o que acabamos de escrever? Perdoe-nos, porém, a ousadia que tomamos, e creia que o Brasilicus não tem em vistas offendê-lo; mas he mister que elle acutilando o povo contra os marchantes que vivem de uma licita industria, prove a verdade das suas affirmações.

Sim, Sr. Americus, he absolutamente necessario que V. S prove que cada um marchante tem por dia de 60 a 80,000 rs. de ganho; que entre elles e os contractadores houve o pacto, alliança ou o que S. S. quizer para serem unicamente mortos por dia, ja não digo 40, como diz S. S., mais mesmo 50 ou 60 bois; he finalmente tambem necessario que declare o motivo por que sendo S. S. tão inimigo do enculcado monopolio marchantal, nunca disse a respeito delle uma só palavra, e antes o tolerou com o seu silencio por tantos annos: emquanto o não fizer, permitta que não obstante todo o seu *desenteresse, filantropia, etc., etc.*, o classifiquemos como especulador, que arteiramente lança mão do meio de aggredir os actuaes marchantes para um fim que não pode ser muito airoso; e terminando este nosso ultimo artigo (porque certamente não nos occuparemos mais com o Sr. Americus, diga elle de nos o que quizer) perguntaremos: não está em vigor o paragrapho 24 do artigo 179 da constituição? E em face delle poderá o Exm. presidente da provincia ou qualquer outra autoridade prohibir a qualquer cidadão o commercio de compra de gados e venda de carnes verdes, como ensinua o jurisconsulto Sr. Americus? As pessoas entendidas que o respondam; e no entanto dá por concluida a sua tarefa o

Brasilicus.

Correspondencias.

Illm. Sr. Dr. João Vicente Martins. -- Firme estava eu na resolução de nunca mais escrever uma só palavra, que tivesse a minima relação com a homœopathia: mas vendo a attenção, o cavalheirismo, a cortezania, a bondade, com que V. S. se ha dignado tratar-me no seu--*Medido do Povo*--, a ponto de affirmar, viera de proposito a Pernambuco para entrar commigo em discussão sobre esta materia; desci-me do meu pundonor; e não posso já recusar-me a responder-lhe, assim para agradecer-lhe tanta benevolencia, como para dar as rasões do meu justo resentimento, e da recusa ao seu honroso desafio. Queira V. S. ler-me com attenção.

Ainda que baldo de talentos, e conscio de minha curta comprehensão, sempre tive amor aos estudos, e a estes me tenho applicado desd'aurora da minha juventude: e posto que me não dedicasse professionalmente á medicina, não sei, se por ser filho da faculdade, (meu pai era medico) gostei sempre dessas materias; e tive a pachorra de ler, e examinar varios systemas de medicina antigos, e modernos. Veio-me ás mãos ha dous annos o Organum de Hanemman: li-o uma, e mais vezes; e o resultado foi achar-me salteado de innumeraveis duvidas e de deparar com principios repugnantes á minha fraca rasão!

Observando a facilidade, e promptidão, com que qualquer animal de dous pés sem pennas (o homem de Platão) armava-se de uns livrecos, mettia n'algibeira uma botica corpuscular, e atirava-se ao mundo a curar e a fazer milagres; uns sujeitos hoje mãos cacheiros, e amanhãa insignes dotores homœopathas; outros de meros enfermeiros arvorados d'entuviada em portentos na difficilima arte de curar, etc., etc.; muitas vezes lembrei-me da fabula do judicioso Phedro -- *Ex Sutore Medicus*: e chegando-me aos ouvidos os applausos do povo (materia sempre disposta para toda a laia de maravilhoso) dizia com o rei da mencionada fabula:

« *Quantæ putatis esse vos dementiæ,*
Qui capita vestra non dubitatis credere,
Cui calceandos nemo comisit pedes? »

Que patetas não sois vós todos quantos
Vossa vida fiaes das mãos d'aquelle,
Aquem para calçar os pés negaes?

E se tão simples, tão facil, tão comezinho he o segredo de curar pela homœopathia, entendi, não seria da minha parte um sacrilegio o pôr minhas duvidas e objecções a esse novo systema: e com effeito assim o fiz em alguns artigos, que publiquei no *Diario de Pernambuco.* Mas alguem houve, que crendo-se tão estreitamente ligado com a homœopathia, como o corpo e a alma segundo o influxo physico dos philosophos, com inopinavel desabrimento recorreu ao prelo, postergou todas as regras da urbanidade; e quando eu esperava argumentos contrapostos á argumentos, e facecias mesmo prodigalisadas em troco de facecias, recebi em resposta, que as minhas rasões já estavam refutadas (boa tactica para sahir de apuros n'uma polemica!); e fui directamente insultado, dando-se-me a ignominiosa qualificação de *impuro*, e ameaçando-se-me com a chronica da minha vida privada, como a melhor defesa do systema homœopathico:

Confesso, que muita extranheza me causou esse procedimento. Até então entendia, que a arte, e o artista eram entidades distinctas. Tinha lido, que na Europa ainda vivo o Dr. Hanemman muitas objecções se haviam publicado contra o seu systema. E que apodos, que chascos, que epigrammas se lhe não atiraram! Mas não consta, que esse philosopho descompozesse a ninguem por isso; que assim o praticam os homens sisudos, conscienciosos, e bem criados. De mais se esse Senhor, a que me refiro, aqui se nos encampou apregoando a homœopathia, como uma missão divina, e querendo dar-lhe os caracteres da religião christãa, inculcando-se uma personagem Evangelica assim por modo d'um S.-Paulo homœopathico, Dr. das gentes, e até proferindo a verdadeira blasphemia de que n'uma gota d'agoa cristalina dos seus vidrinhos está a vida, como em qualquer particula da hostia consagrada o corpo, sangue, alma, e divindade do nosso Senhor Jesus-Christo; como se compadecem todas essas bufonerias religiosas, senão manifestas impiedades, todo esse enguihoso mysticismo com tão desmesurado orgulho, com tanta intolerancia? *Tantæne animis cœlestibus iræ?* Como he, que se defende um systema de medicina, que se pretende irmanar ao Evangelho todo brandura, mansidão e caridade, quasi do mesmo modo, porque os Musulmanos pregaram o seu Alcorão?

Lastimei o atrazo da minha patria, em cujos prelos responde-se a objecções com escapes, e a meros gracejos, que a ninguem desairam, com calvas injurias, com improperios. Se V. S. duvida de quanto referido tenho, queira dar-se ao trabalho de ler os *Diarios* desse tempo, e as respostas, que se me deram; e imparcialmente julgue, se os meus chascos mereciam em retorno semelhantes doestos. Assentei pois, em meu animo de não mais tocar n'Arca Santa da homœopathia, ficando-me a respeito desta as mesmas duvidas; porque V. S., creio me fará a justiça de me não suppôr tão desbolado, que me deixe atoar da linguagem fraldosa, e roçagante, com que facilmente se póde captar a credulidade do vulgo.

Não me tenho em foro de sabio, antes reconheço a minha ignorancia de infinitos, e o meu mui escasso cabedal em pouquissimos ramos dos conhecimentos humanos: mas estou profundamente convencido, que em quanto os medicos forem homens, e não deoses, e a medicina um systema forjado por homens, nunca se poderá dar a nenhum o dom da certeza, e o privilegio da infallibilidade. Em tal materia a minha profissão de fé he esta do mais decidido scepticismo --Não creio em systema algum de medicina.

Sendo pois estes os meus principios, permitta-me V. S., que ingenuamente lhe confesse a minha repugnancia a um dos artigos do seu estimavel periodico--*O Medico do Povo*--, onde se pretende (permittam-se-me os termos) christianisar, mysterialisar e misticar a homœopathia. Não approvo (provirá tudo, já disse, da minha muita ignorancia) que se procure infiltrar no espirito do povo um systema de medicina, identificando-o com a religião, sendo esta obra de Deos, e aquella unicamente dos homens. Que tem que ver a parabola do Evangelho do grão de mostarda, a comparação dos padres com o sal; que tem que ver o milagre de Jesus-Christo na multiplicação dos pães, e dos peixes, etc., etc. com as dóses infinitesimaes, e as dinamisações da homœopathia? Se esta, como dizem os seus cultores, he uma sciencia sublime; se está de accordo com os principios da sãa phylosophia, e autorisada pela experiencia, que necessidade ha de apadrinhal-a com a biblia, como quem desconfia de si, e quer embahir por meio da credulidade popular? Não affirmarei, que taes sejam as intensões dos Srs. homœopathas; mas parece-me, que, semelhantes aos namorados, fantaziam na sua bella perfeições divinas, que ninguem mais lhe descobre. Finalmente em quanto a Santa Madre Igreja Catholica Apostolica Romana, de que sou indigno filho, por meio de um concilio Ecumenico não definir, que a homœopathia he o seu oitavo Sacramento, que confere a graça da saude pelo assucar de leite, pelo aconito, belladona, etc., etc. em dóses infinitesimaes; ha-me S. S. de permittir, que jamais não confunda essa medicina com os dogmas da religião.

Mas se para sustentar, e pôr em credito este, ou aquelle systema de medicina, houvessemos de recorrer a divindade, então dariamos sem duvida preferencia á allopathia; e eu passo a demonstra-lo com varios argumentos. He doutrina corrente em todos os padres e theologos, e consegrada nas escripturas, que os mysterios, e grandes acontecimentos do antigo symbolisavam os do novo testamento, a lei escripta em summa presagiava a lei da graça. Assim a serpente de bronze prefigurava Jesus-Christo no Calvario, o sacrificio de Isaac o sacrificio da Cruz; a paschoa dos Irraelitas a instituição, e mysterio da Eucharistia. Se pois nas dóses infinitesimaes estivesse a virtude de curar o corpo como no Sacramento do altar está a de salvar a alma; a Deos, que he omnipotente, e que queria simbolisar a lei Evangelica, ordenaria, que o cordeiro Pascal fosse reduzido a monadas dinamisadas, que os Irraelistas assim as tomassem, e não que o comessem allopathicamente (por assim o dizer); e a communhão christãa pelo lado symbolico devera reduzir-se a athomos.

Isto pelo lado da religião revelada: agora pela philosophia. O homem dotado de razão e liberdade tem actos espontaneos, tem merito, e demerito, he um ente moral em summa: o animal, porém, que só lhe coube em partilha o instincto, tudo quanto pratica he em virtude deste, e por conseguinte he conforme com a vontade de Deos. E o que observamos nós nos brutos, quando

accommettidos de certas molestias? Elles não teem lá doutores, nem boticas. O cão e mais o gato, em se vendo assaltados da sua colica, ou o quer que seja (que não pesco nada pathologia) correm ao campo, e atiram-se á relva, não se servem de um athmo de capim, nem tratam de dinamisa-lo, mascão-no e engolem-no em larga dóse (seguem instinctamente a allopathia); e dest'arte medicão-se ás mil maravilhas. O nosso lagarto, tijussú, se briga com a cobra, sentindo-se mordido desta, lá se mette pelas moitas em cata da erva contra veneno, come-a em porção sufficiente, e escapa da morte. O leão, se habita em sitios pantanosos, he sujeito á febres interminentes; e o que faz? Procura arvores amargas, devora-lhes grande porção da casca, e assim recobra a saude. Quem ensinou tal medicina a esses irracionaes? He sem duvida o instincto, he Deos em summa. Logo Deos ligou virtude medicamente ás dóses allopathicas: logo a allopathia he que he a medicina bôa, segundo a natureza, e por tanto segundo Deos: logo a homœopathia em relação ás dóses infinitesimaes, he as dinamisações he obra dos homens, e por consequencia inferior á allopathia, que he obra de Deos manifestada no instincto dos brutos. Pelo lado, pois, da Divindade melhor me parece não pretender chama-la para sustentar theorias e systemas humanos; assentando nós de uma vez para sempre, que a biblia divinamente inspirada he a fonte dos dogmas e da moral christãs; mas não reza seguramente da homœopathia, nem da allopathia.

Não obstante todos os encomios, que se façam á primeira, e as grosas de milagres, que se lhe attribuam, eu estou bem convencido que he um systema, como outro qualquer, e portanto obra do fraco, limitado, e fallivel entendimento humano, tendo de mais contra si o ser absoluto e exclusivo, que he quanto a mim o que desacredita a todo e qualquer systema; porque não sendo este, se não um methodo para ordenar as nossas idéias na explicação dos fenomenos, he claro que he tudo feitura nossa; as leis immutaveis daquelle que a creou; mas não as que o homem engendra em sua pobre razão. O exclusivismo em verdade he o que deita a perder os systemas. Em philosophia a escola sensualista reduzio todas as operações do entendimento á mera sensação; e dessa theoria produzio por necessaria consequencia o materialismo, e o atheismo. (*) Em medicina o celebre systema de Brown reduzio as enfermidades á atonia unicamente; e applicando a todas sem excepção os tonicos, os estimulantes, levou á sepultura innumeraveis victimas. A escola de Broussais pelo contrario attribue tudo a flegmasias; e dahi os calmantes, os anteflogisticos, as bichas, e sangrias para toda e qualquer molestia tambem tem mandado muito filho de Eva para a terra da verdade.

E porque milagre, ou feiticaria não acontecerá o mesmo á homœopathia, cuja therapeutica só attende a symptomas (que em muitos casos distinctos se confundem) sem procurar conhecer as causas, as sedes das enfermidades, e as lesões organicas; e estabelece a regra invariavel do *similia similibus curantur*? Se attento para a experiencia quotidiana, o que vejo he, que em taes e taes casos morbidos aproveita o principio dos semelhantes, e em outros tem sido mui proficuo o *contraria contrariis curantur*; o que tudo foi reconhecido a milhares de seculos pelo espantoso e immortal Hypocrates.

Lá quanto ás dinamisações, e as virtudes dos athomos de Epicuro, e das monadas de Leibnitz são para mim (attenta a minha curteza) o mesmo que a virtude curativa do Abacadraba escripto em triangulo equilatero, com que tanta gente sarou nos tempos do Paganismo, ou outros tantos mysterios Eleusinos. Confesso a minha fraqueza. A'cerca da efficacia dessas dóses tanto mais poderosas, quanto mais pequenas, quanto mais athomisticas e reduzidas a monadas eu, que não admitto a materia divisivel ao infinito, tenho (com a devida venia) uma incredulidade granitica. Todavia creio que a homœopathia tem um lado verdadeiro; que he esta a condição de todos os systemas. E para esse meu pyrorismo grandemente hão concorrido os mesmos Srs. doutores e mestres da homœopathia; por quanto ao passo que sustentam ser esta uma sciencia transcendental, e sublimissima, dizem que para a adquirir não se fazem precisos os previos conhecimentos da anatomia, da phisiologia, da patalogia, da chimica, etc. etc; e em poucos dias de instrucção empyrica dão carta de facultativo ahi a qualquer esganarello, que se atira logo por esse mundo de Christo a fazer muitas vezes mais prodigios, do que seus proprios mestres.

Mas quem sou eu, pobre curioso, para arcar em taes materias com V. S., que he um dos maiores astros da homœopathia? Se ao menos possuisse uns cadernos, e uma carteira botica, e dest'arte me apregoasse medico, julgar-me-hia habilitado; e dando graças ao pai das misericordias, dir-lhe-hia —Bendicto sejas Sr. *qui abscondisti hæc a sapientibus et prudentibus, et revelasti ea parvulis*! Porém, eu sou profano: ignoro os segredos, a palavra sagrada, os mysterios dessa sciencia profunda, e superficial ao mesmo tempo. E de mais observando eu, que a homœopathia ha-se tornado uma seita, não quero sem o minimo interesse comprar tantos inimigos, quantos são os que nella se acham empadroados. Eu, além disto, não vivo de receitar nem por esta, nem por aquella, nem por aquell'outra medicina. Para mim a dieta he o meu grande remedio.

Por todas estas razões, pois, declaro francamente a V. S., que não posso acceitar o seu convite tão urbano, tão generoso. Em uma cidade tão populosa, como o Recife, onde ha homens profissionaes, e tão illustrados, não he proprio, nem decoroso que se torne um pobre clerigo, que mal sabe ler o seu breviario, uma especie de paladino de certames medicaes. Para o povo crer na homœopathia, e abraça-la parece-me, não serem precisas discussões, que não estão de certo ao alcance da sua grande maioria: basta e sobeja o maravilhoso: basta, que appareçam nos *Diarios* ás curas miraculosas, sempre o estirado cathalogo dos que escaparam, e nunca o dos que morreram hommœopathicamente, etc. etc. Quanto a serem os pobres os que mais se aproveitam da homœopathia, ha-me de conceder vista para embargos; porquanto se isto se verifica em V. S. pela sua muita caridade, e animo generoso, ha muito quem afirme que os ricos e arremediados pagam de sobra os vidrinhos por si e pela pobresa.

Que direi afinal ácerca das irmãas da caridade? Se a introducção dessas mulheres admiraveis e tão prestimosas he um impulso nascido do espirito de religião e piedade de V. S., eu muito lh'o louvo, lh'o applaudo e agradeço em nome da minha patria; porque em verdade pelo que tenho lido tal estabelecimento he um mimo do céo. A virtude nunca me parece tão ensinuante e proveitosa, como quando vem acompanhada da ingenuidade e da ternura do bello sexo. Mas se a adopção dessas mulheres angelicas faz parte integrante da propaganda homœopathica, em nada lhe posso ser bom; porque a respeito desta sou leigo, sou donato, sou pagão.

Tendo concluido o meu tal, ou qual arrasoado, só me resta aproveitar o lanço para certificar a V. S. dos protestos de cordeal estima e consideração que lhe tributa. -- *O padre Miguel do Sacramento Lopes Gama.*

(*) Em moral a escola epicurista estabeleceu o interesse, como o unico movel das acções humanas; e deste abominavel principio o egoismo endeosado, e tantos males terriveis, que ainda hoje pesam sobre a sociedade.

Srs redactores.--O escriptor dos artigos publicados na *Imprensa* ácerca do *Theatro de Santa Isabel e seu empresario*, declara solemnemente que a ninguem recorreu para que se lhe não respondesse; mas que um amigo, que estima, tendo-lhe pedido que pozesse termo a essa discussão, que ia-se tornando pessoal, accedera sób promessa de que no lado opposto haveria igual procedimento.

Recife. 24 de outubro de 1850.

Repartição da Policia.

PARTE DO DIA 22 DE OUTUBRO DE 1850.

Fôram presos: á ordem do subdelegado da freguezia da Boa-Vista, o Portuguez Manoel Carvalho de Moura, por desobidiencia; e o preto Carlos, escravo de Manoel da Cunha Oliveira, por crime de offensas phisicas.

IDEM DO DIA 23.

Não consta que tivesse havido nenhuma occurrencia nesta cidade além de ter sido hontem preso, á ordem do subdelegado da freguezia de S José, o preto Marciano do Espirito Santo, pronunciado por crime de furto.

COMMERCIO.

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 24 . . . . . 10:984,256

Descarregam hoje 25 de outubro.

Barca americana -- *Conrad* -- farinha de trigo.

Patacho portuguez -- *Despique de Beiris* -- mercadorias.

Brigue portuguez -- *Conceição de Maria* -- Idem.

CONSULADO GERAL.

Rendimento do dia 24 . . . . . 1:018,254
Diversas provincias 11,435
1:029,689

RECEBEDORIA DE RENDAS GERAES INTERNAS.

Rendimento do dia 24 217,423

CONSULADO PROVINCIAL.

Rendimento do dia 24 . . . . . 1:171,664

Movimento do Porto.

Navios entrados no dia 24.

Maceió. -- 30 horas, barca ingleza *Ranger*, de 304 tonelladas, capitão N. W. Page, equipagem 15, carga algodão, a James Cabtree & C. Veio receber cartas e segue para Liverpool.

Terra Nova.-- 39 dias, brigue inglez *Emma*, de 208 tonelladas, capitão J Towil, equipagem 12, carga bacalhão, a James Cabtree & C.

Theatro de S. Isabel.

27.ª RECITA DA ASSIGNATURA.

Sabbado, 26 de outubro de 1850.

Representar-se-ha o excellente e muito applaudido drama em 3 actos

A GARGALHADA.

Depois da representação do drama, os artistas Raymundo e Joanna Januaria, cantarão o duetto do

Meirinho e a pobre.

Terminará o espectaculo com a graciosa farça,

O IRMAÕ DAS ALMAS.

Começará ás 8 horas.

Os bilhetes acham-se á venda no lugar do costume.

Publicação litteraria.

--Sahio á luz o drama **Arco-Verde ou a Gloria dos Tabayrés**, e desta obra apenas restam 26 exemplares a dispor, os quaes se acham a venda na livraria da praça da Independencia, ns. 6 e 8, a 2,000 rs. Os Srs. que subscreveram, e a quem por se ignorar a sua morada, não se tem mandado entregar, pódem mandar recebe-la na sobredita loja.

Avisos maritimos.

— Para o Rio-de-Janeiro sahe, com a maior brevidade possivel, por já ter parte da carga engajada, o patacho nacional *Nereide*: quem no mesmo quizer carregar, ou ir de passagem, dirija-se ao capitão na praça do commercio, ou a Novaes & C., na rua do Trapiche, n. 34.

— Para o Rio Grande do Sul, segue com brevidade a escuna nacional *Santa-Cruz*, capitão Manoel Pereira de Sá, recebe alguma carga e escravos a frete, a fallar com João Francisco da Cruz, na rua da Cruz, n. 7.

-- Para a Bahia pretende seguir viagem com brevidade a sumaca nacional *Carlota*, mestre José Gonçalves Simas: para carga e passageiros trata-se com o mesmo mestre, ou com Luiz José de Sá Araujo, rua da Cruz numero 33.

Para o Maranhão e Pará segue, com a maior brevidade possivel, a escuna nacional *Emilia*, de que he capitão e pratico Antonio Silveira Maciel Junior: quem na mesma quizer carregar ou ir de passagem, entenda-se com João Carlos Augusto da Silva, ou com o capitão, na rua da Cruz, armazem n. 13.

-- O veleiro e bem conhecido patacho nacional *Alfredo* segue viagem para a Bahia até o dia 30 do corrente, impreterivelmente, por ja ter a bordo dous terços do seu carregamento: para o resto da carga e passageiros, para os quaes offerece excellentes commodos, trata-se com o capitão, ou na rua do Vigario, n. 11, escriptorio de Francisco Alves da Cunha.

— **Para o Havre pretende sahir, na terça-feira, 29 do corrente, o muito conhecido brigue francez *Beaujeu*, só recebe passageiros, para o que tem excellentes commodos.**

-- Para o Porto segue viagem, com muita brevidade, o bergantim portuguez *S.-Manoel-Primeiro*, capitão José Francisco Carneiro: quem no mesmo quizer carregar ou ir de passagem, dirija-se ao dito capitão, ou ao seu consignatario, Manoel Joaquim Ramos e Silva.

-- Para o Porto, Figueira e Lisbôa segue viagem, com toda a brevidade, a galiota portugueza *Luzitana*, capitão João Vieira: quem na mesma quizer carregar, dirija-se ao dito capitão, ou ao seu consignatario, Manoel Joaquim Ramos & Silva.

Leilões.

— O corretor Oliveira fará leilão em um só lote, por mandado e em presença do Illustrissimo Sr. Dr. juiz do civel, escrivão Motta, de todas as existentes fazendas da loja e armação desta, penhoradas pelos credores de Manoel José de Souza: sabbado, 26 do corrente, ás 11 horas da manhãa, em ponto, na referida loja, sita na rua do Queimado, n. 11.

--A tintureira da rua do Padre-Florianno, casa da esquina que volta para o becco do Serigado, tem constantemente para vender muito boa tinta de escrever, a 240 rs. a garrafa. A mesma tintureira tambem compra garrafas vasias, tinge de todas as côres por diminuto preço, assim como vestidos a 3,000 rs., casacas a 4,000 rs., chales a 2,000 rs., mantas a 1,280 rs, calças a 1,600 rs., colletes a 640 rs., e tudo o mais por preço commodo: tambem se encarrega de mandar lavar de varrella, e engomma toda a qualidade de roupa, com muito asseio e presteza, por preço mais barato do que em outra qualquer parte.

-- O leilão da mobilia do Sr. E. Comber annunciado para 28 do corrente, fica transferido, e terá effeito no dia primeiro de novembro proximo, no indicado sitio da Ponte de Uchôa.

Avisos diversos.

-- D. Isabel Maria de Mello, em resposta ao annuncio do Sr. Gabriel Antonio, inserido no *Diario de Pernambuco* n. 236, avisa ao respeitavel publico, que nenhum obstaculo se lhe póde oppôr a qualquer transacção que queira fazer com os foros da Boa-Vista, porque estes houve ella por herança de seu pai, João Marinho Falcão, como confessa aquelle annunciante, e não estão sujeitos a pagar as dividas de seu primeiro marido, João Carlos Augusto de Barros, contra quem alcançou execução o Sr. Gabriel Antonio, visto como o annunciante fez obstenção da herança do dito seu marido, fallecido antes do dito João Marinho Falcão.

-- Gadault Irmãos mudaram o seu estabelecimento da rua da Cruz, n. 11, para a mesma rua, n. 24, primeiro andar.

-- Quem annunciou querer alugar uma casa que seja grande, que tenha banho, e no Monteiro, dirija-se ao Aterro-da-Boa-Vista, n. 37, terceiro andar.

-- Precisa-se de uma ou duas parelhas de serradores, pagando-se as linhas, ou por dia: na rua da Praia, serraria do Cardial. Na mesma serraria vendem-se 16 pedras de filtrar agoa.

-- Antonio Dias Cardial comprou, por conta do Sr. João Francisco Marques, morador no Passo-de-Camaragibe, o bilhete das segunda e terça quarta partes da terceira nova loteria da matriz da Boa-Vista n. 4,986, e o meio bilhete n 5,253 da 24.ª loteria a beneficio do monte pio geral, ficando os ditos bilhetes em poder do annunciante até os remetter para o dito Sr. Marques.

-- Precisa-se de um homem para caixeiro de engenho e encaixamento, que dê conhecimento do seu comportamento: no engenho Novo do Moribeca.

-- Precisa-se de uma mulher para ama de uma casa de pouca familia, que saiba cozer e engommar, dando responsavel a sua conducta: na rua do Rozario n. 33, botica de Bartholomeu.

-- A pessoa que tiver apanhado um pombo grande seco do corpo, côr cinzenta, pés calçado, e queira desencarregar a sua alma, ha de o levar no segundo andar da casa n. 25, junto a cadeia, que receberá o valor do mesmo.

O Antigo barateiro do Passeio-Publico, Firmiano José Rodrigues Ferreira

Participa aos seus freguezes que tem o mais rico sortimento de chitas francezas largas do melhor gosto que presentemente ha hoje no mercado, e que as venderá por preços que agradarão; sendo as amostras francas, tendo outras muitas fazendas de gostos proprios do tempo.

-- O juiz da irmandade de N. S. do Guadelupe, erecta na sua igreja da cidade d'Olinda, convida a todos os irmãos da mesma irmandade, para comparecerem no domingo, 27 do corrente, ás 10 horas do dia, para se proceder a eleição da nova mesa.

Galeria daguerreance, do artista Augustin Lettarte.

Tira retratos mui superiores pela invenção de Daguerer, tanto em fumoco no coloridos em qualquer occasião, affirmando e garantindo, tanto a durabilidade das côres, como a perfeita semelhança.

As pessoas que se dignarem procura-lo se pódem dirigir a sua galeria, e examinar os modelos que sempre tem de mostra das 9 horas da manhãa até ás 4 da tarde.

N. B. Declara mais que vende machinas, laminas, caixas, etc., tudo pertencente á mesma profissão, e quem se propozer a comprar poderá obter todos os esclarecimentos com a clareza e perfeição que he necessaria.

-- No dia 25 do corrente, á porta do Sr. Dr. juiz do civel, ás horas do costume, se hão de arrematar duas moradas de casas terreas, sitas na povoação dos Afogados, na melhor rua, e bem arranjadas, penhoradas a José da Costa Ribeiro, por execução de James Crabtree & C: os licitantes pódem ver o escripto em mão do porteiro do juizo.

-- No dia 26 do corrente, pelas 4 horas da tarde, na praça do juizo do civel da segunda vara, na rua da Madre-de-Deos, tem de arrematar-se de renda annual um sitio com casa de vivenda e mais bemfeitorias, na Estrada Nova, cuja renda foi avaliada em 200$ rs. por execução de João Keller & C. contra Justiniano Antonio da Fonseca e sua mulher: escrivão Baptista.

O Dr. J. S. Santos Junior, medico homœopatha puro mudou sua residencia da rua do Crespo, n. 10, para a rua Nova, n. 58, primeiro andar.

— A firma de Athayde & Ferreira, acha-se amigavelmente e de commum accordo extincta desde 22 do corrente mez de outubro, a qual pertencia o estabelecimento de uma loja de fazendas, cita na rua do Collegio n. 3, ficando as fazendas e o debito activo em poder do socio Sr. Athayde, para proceder a venda das fazendas e recebimento activo, para com elle satisfazer o debito passivo, a que a mesma firma está sujeita, ficando todavia ambos, cada um insolido responsaveis ao sobredito pagamento passivo, como he expresso nas contas que ambos assignaram em duplicata.--*João José da Costa Ferreira,-João Francisco de Athayde.*

-- Vai ao Aracaty Estevão dos Anjos da Porcincula.

-- Na rua estreita do Rozario, n. 28, segundo andar, se dirá quem da dinheiro a premio.

-- João Marques da Silva Henrique e Bernardino Nunes da Conceição, subditos portuguezes, retiram-se para o Rio-de-Janeiro.

-- Quem precisar de uma ama com bom leite, dirija-se á rua dos Pescadores, n. 22.

-- No dia 30 do corrente, á porta do Illm. Sr. Dr. juiz municipal da segunda vara, substituto da primeira vara do civel, na rua das Cruzes, se hão de arrematar os escravos Manoel e Jacintho, officiaes de marceneiro, penhorados por execução de Anselmo Gonçalves Pereira contra Joaquim Carneiro Leal, por ser a ultima praça.

Compras.

-- Compra-se uma escrava moça, que saiba cozinhar, engommar e seja de casa: na rua do Queimado, n. 9.

-- Compra-se orellos de panno: na praça da Independencia n. 19.

-- Compra-se uma bomba de ferro para cacimba, que esteja em bom estado: na rua da Cadeia velha, casa n. 24.

-- Compram-se algumas fôrmas de fazer velas, marmita, bancos e os mais pertences: na rua Augusta, n. 33. Na mesma casa precisa-se alugar uma ou duas pretas que estejam acostumadas a venderem, e que não fujam e nem bebam.

Vendas.

-- Vende-se uma preta crioula, de 20 annos, optima engommadeira e cozinheira, e que cose chão; uma dita de 10 a 12 annos, com principios de costura, propria para um pai da-la a uma filha: na rua do Rangel, n. 38, segundo andar, se dirá que vende.

Bom e barato.

Vende-se casemiras a 4,000 rs. o corte, ditas finas de lindos padrões a 6,000; ciroulas de meia a 1,000 rs o par; chapéos francezes finos a 6,800; cassas coitas finas a 240 rs. o covado, lenços brancos de cassa a 200 rs. cada um: e outras muitas fazendas por preço commodo: nos quatro cantos da rua do Queimado, n. 20.

-- Vende-se cha preto: na rua do Trapiche, n 34, armazem de Raymond & C.

AO MODERNISMO.

Na rua do Queimado, loja n. 17, vendem-se as mais modernas cambraias abertas de lãa e seda, verdadeiramente chamadas balzarinas, de padrões e gostos muito delicados. a 500 rs. o covado. Dão-se as amostras com os competentes penhores.

-- Vende-se um sitio pequeno, bem plantado, e com bom banho, por muito commodo preço; uma casa no Poço, a dinheiro, ou troca-se por uma negra: no Manguinho, n 35.

-- Vendem-se velas de carnauba de 6 em libra, em caixas de uma arroba, de muito boa qualidade: na rua da Penha, n. 7, ao lado da igreja do Livramento.

-- Vende-se uma parda de 20 annos, com uma cria de 2 mezes, e com muito bom leite, proprio para criar: tambem se troca por uma preta recolhida: o motivo por que se vende se dirá ao comprador: na rua da Madre-de-Deos, armazem de Vicente Ferreira da Costa.

-- Vendem-se meias de algodão grossas, muito duraveis, feitas a agulha, optimas para conservarem a saude: he ponto este em medicina, em que não divirgem os diversos autores que teem escripto até hoje; isto he, pés quentes, ventre desimpedido, cabeça fresca, são os signaes evidentes de perfeita saude, e he por isso que estas meias são recommendadas por todos os medicos não exceptuando os dignos discipulos de Hanneman: quem as quizer vá a rua larga do Rozario, n. 35, loja.

-- Vende-se, por 300,000 rs., uma parda de meia idade, que cozinha, engomma, cose, he muito fiel e optima para os arranjos de uma casa: no Aterro-da-Boa-Vista, n. 78.

--Vende-se um escravo de nação, muito bom serrador; um dito de 15 annos; um dito de 20 annos, bom sapateiro, e com principios de pedreiro; uma escrava de nação, boa para o serviço de campo, he quitandeira e lava; uma negrinha de 10 annos: todos de muito bonita figuras: na rua do Livramento, n. 14, se dirá quem vende.

-- Vende-se um bonito escravo de 16 a 18 annos, proprio para pagem, por ser muito esperto: na rua do Queimado, n. 14, se dirá quem vende.

-- Vende-se uma preta de 25 a 30 annos propria para o serviço de campo: na rua do Livramento n. 38.

Verdadeiros charutos de s. Felis a 3,500 rs. a caixa.

Vende-se na rua da Cadeia do Recife, n. 50.

- Vende-se uma parda de 30 annos, que engomma, cose, e com muito bom leite, propria para criar: na rua da Aurora, n. 50.

- Vende-se um almofariz grande de bronze: no Aterro-da-Boa-Vista, n. 65, loja de funileiro com uma porta larga.

-- Vendem-se dous relogios, patentes de ouro, uma corrente, uma dita para senhora, brincos, annelões, cordões, medalhas, annelões, cruzes, botões de punho e abertura, argolas, uma moéda guarnecida, um apparelho de prata para chá; um faqueiro, 2 salvas, castiçaes, esporas, uma bride, uma patena, e outras obras de ouro e prata: na rua estreita do Rozario, n. 28, segundo andar.

-- Vende-se uma excellente casa de campo, sita na margem do rio, contendo duas salas grandes, dous gabinetes, duas alcovas, tres quartos e cosinha, com um terreno adjacente, que terá cerca de mil palmas em frente do rio, e uma baixa de capim que fornece para mais de trinta feixes diarios no verão, tem bonita vista, ar saudavel, e perto da praça por ser antes de chegar ao Poço da Panella: a fallar na rua de Santo Amaro n. 16, ou na rua da Cadeia do Recife, com o Sr. Manoel Gonçalves da Silva.

Chocolate de saude.

De todas as substancias alimentares, que sendo em seu principio consideradas como cousas de luxo, tornam-se pelo tempo adiante de uso geral, o chocolate póde sem contradicção, occupar o primeiro lugar. Effectivamente quantas pessoas não vemos nós preferir hoje ao uso do quente café, o uso do chocolate, e nisto seguir a opinião dos medicos mais celebres, que de commum accôrdo sobre suas preciosas qualidades, o indicão como um dos nossos melhores estomaticos áquellas pessoas cuja saude he debil e delicada!... Prescrevem-no aos seus doentes, aconcelhão-no aos velhos, e o recommendão ás mãis de familia para seus filhos. Em uma palavra, o consumo verdadeiramente extraordinario que todas as classes da sociedade fazem deste alimento, he o mais bello elogio que nós lhe podemos fazer. Chegou do Maranhão, aonde fabricado, um novo sortimento deste chocolate, ja bem conhecido nesta provincia por muitas pessoas que delle tem feito uso: vende-se no lugar do costume, na venda da rua da Cadeia do Recife, defronte do Becco-largo, n. 22

Chapéos de sol para senhoras.

Vendem-se chapéos de sol de seda com franjas, muito ricos, com cabos de marfim e dos mais modernos. A cidade de Paris, rua do Collegio, n. 4.

-- Vendem-se chapéos de sol de seda preta e de cores a 4 500, 5,000 e 5,500 rs. cada um, com armação de baleia e muito bons. A cidade de Paris, rua do Collegio, n. 4.

-- Chapéos de sol de panninho com armação de baleia, pelo diminuto preço de 2,000 rs. cada um. A cidade de Paris, rua do Collegio, n. 4.

-- Grande sortimento de chapéos de sol de panno trançado, muito grandes, com armações de baleia das mais fortes, cabos de latão e de pao, proprios para senhores e feitores de engenho. A cidade de Paris, rua do Collegio, n. 4.

-- Vende-se um grande sitio no lugar do Manguinho, que fica defronte dos sitios dos Srs. Carneiros, com grande casa de vivenda, de quatro agoas, grande senzalla, cocheira, estribaria, baixa de capim que sustenta 3 a 4 cavallos, grande cacimba, com bomba e tanque coberto para banho bastantes arvoredos de fructo: na rua da Concordia, primeiro sobrado novo de um andar.

Burras de ferro.

de muito boa qualidade, e com segredo para as abrir: vendem-se na rua da Cruz, n. 10, casa de Kalkmann Irmãos.

— Vendem-se collecções com mais de seis lindas vistas, representando a ponte do Recife com a alfandega, a ponte da Boa-Vista, a cidade de Olinda, a ponte do Cachangá, Poço-da-Panella, e a rua da Cruz com o arco do Bom-Jesus; bem como duas grandes vistas de Pernambuco: na rua da Cruz, n. 10. casa de Kalkmanns Irmão.

-- Vende-se, na rua do Vigario n. 11, armazem de Francisco Alves da Cunha, os seguintes generos, todos de superior qualidade, e por menos preço do que em outra qualquer parte: azeitonas em ancoretas, vinho do Porto em barris de differentes tamanhos, cevada, cal virgem de Lisbôa, arcos para pipas e barris, fio porrete, retroz de Siqueira, chá de San-Paulo, canastras com alhos e ditas com rolhas.

-- Vende-se um par de bancas de jacarandá, muito modernas, novas, e feitas todas macicas e sem folhiado algum: na rua de Hortas, n. 62. casa terrea pintada a frente de azul e portadas brancas.

Superior carnauba.

Vende-se cera de carnauba: na rua da Senzalla velha, armazem de bolaxa n. 100, a 9,000 réis arroba a dinheiro de contado.

-- Vendem-se saccas com um alqueire de farinha de muito boa qualidade e por preço commodo: na rua da Praia n. 32.

Fogões para cozinha.

muito proprios para sitios e qualqualquer lugar aonde não ha cozinha, por preço commodo: vendem-se na rua da Cruz, n. 10, casa de Kalkmann Irmãos.

-- Vende-se muito superior farinha galega em meias barricas: no escriptorio de Deane Youle & Companhia, ou em seus armazens do becco do Gonçalves.

-- Vendem-se franjas de retroz para manteletes a 440 rs. a vara, dita para sapatos a 200 rs: na praça da Independencia n. 19.

-- Na loja de miudezas da rua da Cadeia, n. 46, vendem-se cautelas da loteria da matriz da Boa-Vista, que corre impreterivelmente no dia 31 do corrente mez. A ellas, antes que se acabem. Preço: quartos a 2,600, decimos a 1,100 e vigesimos a 600 rs.

Travessa da Madre-de-Deos, armazem. n. 5,

Acha-se estabelecido um deposito, onde encontrarão os freguezes um bom sortimento de licores, espirito de vinho, e todas as mais qualidades; superior vinho de cajú; chá mate; e liaças de vime, a preços moderados.

Taixas para engenho.

Na fundição de ferro da rua do Brum, acaba-se de receber um completo sortimento de taixas de 4 a 8 palmos de bocca, as quaes acham-se a venda por preço commodo, e com promptidão embarcam-se, ou carregam-se em carros sem despezas ao comorador.

Deposito de potassa e cal.

Vende-se muito nova e superior potassa, assim como cal virgem em pedra, recentemente chegada de Lisbôa, por preço rasoavel: na rua da Cadeia do Recife, n. 12, armazem.

-- Vende-se por muito commodo preço, uma rica secretaria com estantes para livros, bastante grande, propria para advogado, sendo de amarello e ainda nova; assim como, seis cadeiras e duas mesinhas de abrir: na rua estreita do Rozario, n. 28, ultimo andar, das 2 horas da tarde em diante.

Farinha de Tapuyú

igualmente em sabor, finura e côr a de Muribeca, propria para mesa: vende-se na rua da Cruz, no Recife, armazem n. 13.

Deposito da fabrica de Todos os Santos na Bahia.

Vende-se, em casa de N. O. Bieber & C. na rua da Cruz, n. 4, algodão trançado daquella fabrica, muito proprio para saccos de assucar, roupa de escravos e fio proprio para redes de pescar, por preço muito commodo.

Tecido de algodão trançado na fabrica de Todos os Santos.

Na rua da Cadeia n. 52.

vendem-se por atacado duas qualidades, proprias para saccos de assucar e roupa de escravos.

Arados de ferro.

Na fundição da Aurora, em S.-Amaro, vendem-se arados de ferro de diversos modelos.

Moendas superiores.

Na fundição de C. Starr & Companhia, em S.-Amaro, acham-se á venda moendas de canna, todas de ferro, de um modelo e construcção muito superior.

Para os Srs. alfaiates.

Vende-se estopa com alguma avaria, a 80 e 120 rs. a vara: na rua larga do Rozario, n. 48, primeiro andar.

Para quem quizer ter bom.

Vendem-se um relogio suisso muito bom regulador, sabonete de ouro, horisontal, e trabalha sobre quatro rubins, por preço commodo: na praça da Boa-Vista, n. 17.

Aos senhores de engenho.

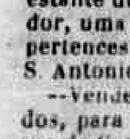
vendem-se cobertores escuros de algodão proprios para escravos, por serem de muita duração, pelo diminuto preço de 640 rs. cada um: na rua do Crespo, esquina que volta para a cadeia.

Vinho de Bordeaux:

vende-se na rua da Cruz, n. 10, casa de Kalkmann Irmãos.

Modas francezas. rua Nova n. 34.

Madame Rosa Hardy, modista brasileira, novamente participa a seus freguezes que recebeu um lindo sortimento de chapeos de seda e de palha de Italia, para senhoras e para meninas, tem igualmente chapeos de palha de Italia finos para meninos, enfeitados e por enfeitar, novos capotinhos de chamalote, gros de naples e filó de seda, manteletes de furta cores para senhora e meninas de 8 a 12 annos, transas de seda e de lã, perfumarias, bicos, fitas, luvas, meias, sapatos, filó de seda de todas as côres, crepe, camisinhas de cambraia e filó de linho para senhoras, a 2,000 rs. e muitas outras fazendas de gosto que vende por preço commodo, e das quaes, da ao ostras a pessoas conhecidas ou com penhores. Tambem empresta a seus freguezes os figurinos da móda recentemente chegados; e faz vestidos de seda, toucados e vestidinhos para crianças, manteletes e capotinhos para senhoras e para meninas, na ultima móda e com perfeição.



Vende-se uma mobilia bem feita de jacarandá, a saber: 18 cadeiras, 2 ditas de braços, dous consolos com tampo de pedra, uma mesa redonda com tampo de pedra, um sofá, uma secretaria com uma estante duas cadeiras de balanço, um tocador, uma cama franceza com todos os seus pertences de jacaranda na rua da Cadeia de S. Antonio n. 18.

--Vendem se missaes novos e outros usados, para dizerem as missas da festa: na rua da Cacimba, por baixo do sobrado do Sr. vigario Barreto.

-- Vende-se farinha de Santa-Catharina, muito superior, a bordo da galeota *Santissima-Trindade*, fundeada junto ao caes do Collegio.

Bombas de ferro.

Vendem-se bombas de repuxo, pendulas e picota para cacimba: na rua do Brum, ns. 6, 8 e 10, fundição de ferro.

Arados de ferro.

Vendem-se arados de ferro de differentes modelos: na rua do Brum, ns. 6, 8 e 10, fabrica de machinas e fundição de ferro.

-- Vendem-se 20 escravos, sendo um optimo carreiro e mestre de assucar; 3 molecotes, sendo um delles bom bolieiro, de 18 annos, muito lindo e de boa conducta; 6 escravos, entre elles um bom oleiro, e de bonita figura; 2 pardos de 24 annos; duas mulatinhas recolhidas, de 13 a 14 annos, muito lindas, que cosem, engommam, marcam de linha e fazem lavarinto; 6 escravas moças, sendo duas boas engommadeiras, e as outras de todo o serviço: na rua Direita, n. 3.

--Vende-se uma preta de 20 annos, de bonita figura, que engomma, cose e cozinha, um moleque peça de 18 annos, sem falta alguma; 2 pretos peças para carregarem palanquim e ganharem na rua, por darem 640 rs, por dia; um mulatinho de 10 annos: na rua do Collegio, n. 21, primeiro andar, se dirá quem vende.

Capotinhos e manteletes.

Na rua Nova n. 6, loja de Maya Ramos & C., acaba-se de receber capotinhos e manteletes de cambraia branca bordada, da ultima moda, e muito bem guarnecidos com bico a imitação de blonde: os preços convidam aos compradores.

-- Vendem-se, na rua da Moéda, armazem n. 15, meias barricas com cal virgem de Lisbôa, a mais nova que ha no mercado, por preço commodo.

Na rua Nova. n. 6, loja de Maya Ramos & C.,

vende-se, além dos livros ja annunciados por este jornal, o novo romance intitulado -- Uma familia corsa --, obra do insigne autor Alexandre Dumas, muito bem traduzido, 1 v., por mil rs.

Loteria do Rio de Janeiro.

Aos 20.000,000 de rs.

Na rua estreita do Rozario, travessa do Queimado, loja de miudezas n. 2 A de Joaquim Francisco dos Santos Maya, vende-se bilhetes, meios, quartos, oitavos e vigesimos da vigesima-quarta loteria a beneficio do Monte-Pio geral de economia dos servidores do estado: na mesma loja está patente a lista da decima-primeira loteria do theatro de S. Pedro de Alcantara.

Na rua da Cruz, n. 10, casa de Kalkmann Irmãos.

vende-se um grande sortimento de instrumentos de musica, com sejam:

Caixas de guerra, e tambores.
Zabumbas e pandeiros.
Arcos de campainha, e pratos.
Baixos de harmonia, trobões.
Trompas, pistões e clarins.
Cornetas, flautas, e pifanos.
Clarinetas, e requintas.
Violões.
E muitos outros instrumentos.

Charutos de S. Felix a 3,500 rs. o cento.

Vendem-se estes bem conhecidos charutos: na rua do Cabugá, loja do Duarte numero 1. C.

-- Na rua do Cabugá loja de 4 portas do Duarte: vendem-se toucas de sitim proprias para baptizados, capotinhos de filó preto para senhora, tudo por preço commodo.

Bom e barato.

Na rua do Passeio-Publico, loja n. 9, de Albino José Leite, vendem-se lenços de seda de côres, a 1,000 rs.; riscados francezes largos, a 200 rs; cortes de brim de listras brancas, a 1,000 rs.; chales brancos de cassa, a 640 rs; ditos de chita azul, a 500 rs.; cortes de colletes de fustão amarello e de côres, a 1,000 reis; chales de tarlatana, a 800 réis; riscados imitando a linho, a 160 rs.; dito de linho puro, a 400 rs.; chitas de diversos padrões, a 160, 180 200 e 240 rs. o covado; cassa de quadros proprias para babados, a 240 rs. a vara; lenços encarnados da fabrica, a 200 rs.; e outras muitas fazendas por menos preço do que em outra qualquer parte.

Charuto de Havana.

de superior qualidade: vendem-se na rua da Cruz, n. 10, casa de Kalkmann Irmãos.

Deposito geral do superior rapé Areia-Preta da fabrica de Gantois Pailhet & C., na Bahia.

Domingos Alves Matheus, agente da fabrica de rapé superior Areia-Preta da Bahia, tem aberto um deposito na rua da Cruz, no Recife, n. 52, primeiro andar, onde se achará sempre deste excellente e mais acreditado rapé: vende-se em botes de uma e meia libra, por preço commodo.

-- Na rua da Cadeia-Velha, primeiro andar da casa n. 24, de Manoel Antonio da Silva Antunes, vende-se um rico sortimento de chapéos de palha de Italia, abertos, para senhoras; camizetas de cambraia, colerinhos, romeiras, manguitos, punhos, tudo excellentemente bordado, bicos finissimos, ricas fitas, e outros objectos de gosto; bem como um completo sortimento de fazendas. tudo se vende por preços muitos rasoaveis.

Milho e arroz com casca a 2$500 rs. cada sacca.

Vende-se no armazem do Braguez, ao pé do arco da Conceição.

Chumbo de munição.

Vende-se no armezem de J. J. Tasso Junior, rua do Amorim, n. 55.

-- Vendem-se amarras de ferro: na rua la Senzalla-Nova, n. 42.

-- Vende-se um preta de nação Mina, muito moça e vistosa, que engomma, cozinha e faz todo o mais serviço de uma casa: na rua do Amorim, n. 15.

Cordas para violão e rabeca.

Na rua estreita do Rozario, travessa do Queimado, n. 2 A, de Joaquim Francisco dos Santos Maya, vendem-se as muito superiores cordas e bordões para violão e rabeca, por preço mais commodo do que em outra qualquer parte.

Xarope do bosque.

para cura de phthisica em todos os seus differentes gráos, quér motivada por constipações, tosse, asthma, pleuris, escarros de sangue, dôr de costado e peito, palpitação no coração, coqueluche, bronchite, dôr na garganta e todas as molestias dos orgãos pulmonares.

De todas as molestias que por herança ficam ao corpo humano, nenhuma ha que mais destructiva tenha sido, ou que tenha zombado dos esforços dos homens mais eminentes em medicina do que aquella que he geralmente conhecida por *molestia no bofe.* Em varias épocas do seculo passado tem se offerecido ao publico differentes remedios com attestados das extraordinarias curas que elles teem feito, porém quasi que em todos os casos a illusão tem sido apenas passageira, e o doente torna a recahir em peior estado do que se achava antes de applicar o remedio tão recommendado: outrotanto não acontece com este extraordinario *xarope do bosque.*

O proprietario ao principio foi induzido a offerecer este xarope ao publico, depois de ter effectuado *em si mesmo* uma cura permanente, e depois de ter a opinião dos primeiros medicos da Europa e dos Estados-Unidos, de que seu estado já não dava esperanças de melhora, e era como segue. No anno de 1837 apanhei uma grande constipação que me atacou o peito, e todos os symptomas de phthisica pulmonar logo se seguiram. Eu tinha uma tosse continuada com dor no peito, salivava uma fleumadura e algumas vezes misturada com sangue, uma febre ética, suores de noite, emagreci rapidamente, e em pouco tempo fiquei reduzido á extrema debilidade.

Os meus medicos (entre os quaes havia alguns dos principaes dos Estados-Unidos) juntamente com meus amigos perderam toda a esperança de meu melhoramento, e esperavam que eu brevemente succumbiria.

Neste estado de molestia por casualidade encontrei com uma antiga receita dos Indios, e resolvi-me com o consentimento dos meus medicos a experimenta-la, visto o estado desesperado do meu caso.

Qual não seria a admiração dos meus medicos, e o meu contentamento vendo que desde que principiei a tomar o xarope, conheci logo uma mudança no meu systema, e pela continuação do uso a molestia madurou, os tumores formaram cabeça e arrebentaram lançando grande porção de sangue e materia. Depois de ter continuado pelo espaço de 3 mezes com o remedio, a minha molestia cessou inteiramente, e achei-me restabelecido de perfeita saúde, o bofe desde aquelle tempo tem continuado sem a menor affectação de enfermidade. Nestas circumstancias he que me resolvi ao principio a offerecê-lo ao publico, firmemente convencido de que he o unico remedio que se tem descoberto, no qual se póde ter confiança para a cura de phthisica pulmonar. Curou onde todos os mais remedios tinham falhado, e, se fôr tomado e applicado segundo as direcções, poucas vezes deixará de produzir uma cura radical.

O seu principio de operar he facil de explicar: suavisa e acalma a incómmoda tosse, amadurece o abscesso, facilita a salivação, e em pouco tempo livra os bofes da materia que se reune nos tubos de ar. Regula as funcções usuaes sem necessidade de outra qualquer medicina, fortifica o systema e purifica o sangue. Não contém, nem mercurio, opio, ou outro qualquer ingrediente venenoso, e he feito unicamente de *raizes e hervas.* Tem-se usado ha mais de nove annos, e he universalmente considerado como o grande e unico remedio para esta horrorosa molestia. Os seus effeitos são em todos os lugares o mesmo, *admiraveis e triumphantes* !!!

Como medicamento preventivo e antidoto contra as tendencias do clima para a phthisica, he de grande valor, e não dá, segundo faz qualquer medico ou conhecedor de drogas, porém emquanto se está paliando com estas *enganosas misturas,* o doente vai rapidamente empeiorando, e cada dia mais e mais colloca o seu caso *fóra do alcance de esperanças* !! Não succede assim com esta preciosa medicina. He sempre salutar, e seus effeitos nunca são damnosos. Não he opiatica, não he tonica, não he um mero expectorante, não tem por objecto *afogar o doente* para ter uma *fatal segurança. He um grande remedio,* uma grande composição curativa, o grande e unico remedio que a sciencia e o conhecimento medico teem até hoje produsido para o tratamento desta molestia, até hoje inconquistavel.

Em uma palavra he o melhor remedio no mundo, e nenhuma pessoa tocada com este flagello da *familia humana será* justo para si e para seus amigos, se descer á sepultura sem attestar suas qualidades virtuosas. Uma unica garrafa quasi que em todos os casos produzirá uma consideravel mudança no estado *de qualquer doença, seja ella qual fôr.*

Tem curado casos que se suppunham superiores ao podêr medico. Tem levantado doentes como que da sepultura. Tem curado depois que já todos os outros systemas, medicamentos e methodos de tratamento teem falhado. Em uma palavra, *descobrio-se o segredo, a phthisica cura-se.*

A antiga opinião de que phthisica não podia curar-se tem desapparecido desde a introducção desta milagrosa medicina. A phthisica pela descoberta deste medicamento acha-se despida de metade dos horrores que causava. Em lugar de se entregarem ao desespero quando estavam seguros de que a phthisica lhe tinha lançado as suas garras, milhares de pessoas teem recorrido a este infallivel remedio, e com prazer e regosijo continuam desfructando saúde neste seculo que produzio tal beneficio á raça humana.

Lembrem-se todos aquelles que se acham tocados de molestia pulmonar, quér por tosse-constipações, asthma, bronchites, pleuris, escarros de sangue, dôr de costado e no peito, palpitação no coração, dôr de garganta, e todas as mais molestias dos orgãos pulmonares, que o unico remedio seguro he o xarope do bosque.

Lembrar-se-ha o publico que cada garrafa tem dous papeis com a propria assignatura dos agentes R. C. Yates e Comp., um na garrafa com uma perfeita direcção sobre o methodo de usar delle, e outro no papel involto.

Póde ser mandado com toda a seguridade para qualquer parte do imperio. As ordens executam se pontualmente.

-- Vendem-se cabeçadas roliças e chatas, e silhas de lãa e lóros: na rua do Trapiche-Novo, n. 10, casa de Jones Paton & C.

He grande pechincha.

A 200 e 240 rs.

Vende-se uma porção de chitas francezas, de 4 palmos de largura, róxas, de côres fixas, a 200 rs. o covado; cassas francezas de bonitos padrões, a 240 rs. o covado: na rua do Crespo n. 14, loja de José Francisco Dias.

Chá a 500 rs. a libra.

Vende-se chá hysson, de muito boa qualidade, a 500 rs. a libra: na rua do Crespo, n. 23.

Manteletes e capotinhos.

Na rua Nova n. 6, loja de Maya Ramos & C., acaba se de receber de França um sortimento de manteletes e capotinhos de seda lavrada e lisa, da ultima moda, e que se vendem muito em conta.

Para vestidos de senhoras.

Vendem-se os mais asseiados manguitos para vestidos de senhora: na rua do Queimado n. 9.

Vende-se farinha de mandioca muito barata em saccas: na rua da Cadeia n. 1.

Loteria do Rio-de-Janeiro.

Aos 20:000$000.

Na rua larga do Rozario, botica n. 42, vendem se bilhetes da 24.ª loteria do Rio-de-Janeiro a beneficio do Monte-Pio, a saber: inteiros 22 0000 rs., meios 11,000 rs., quartos 5,700 rs., oitavos 2,800 rs. e vigesimos 1,400 rs.

-- Vende-se, na rua da Cadeia do Recife, n. 39, chá hysson em caixas grandes, de S.-paulo, muito bom, por preço commodo.

Agencia da fundição Low-Moor.

RUA DA SENZALLA-NOVA, N. 42.

Neste estabelecimento continúa a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas, para engenho; machinas de vapor, e tachas de ferro batido e coado, de todos os tamanhos, para dito.

A elles que são baratissimos.

Vendem-se sapatões de lustro, a 2,000 e 2,500 rs., o que valem de feitio: na rua da Cadeia do Recife, n. 9, loja.

—Vendem-se 8 escravos de 25 annos, de lindas figuras, muito corpolentos e fortes, proprios para armazem de assucar: na rua das Larangeiras, n. 14, segundo andar.

— Vende-se, por preço commodo, palhinha para cadeiras; chapéos do Chile muito bons, de tres qualidades: a tratar na rua do Trapiche, n. 34, com Novaes & Companhia.

— Vende-se, por preço commodo, fumo em folha para charutos, muito superior, e para miolo, mais ordinario; farinha de mandioca em saccas; potassa em barriquinhas: no caes da Alfandega, armazem de Dias Ferreira, ou a tratar com Novaes & C., na rua do Trapiche, n. 34.

Saccos novos de estopa.

Vendem-se 120 saccos novos de estopa, cada um com duas varas: na rua larga do Rozario, n. 48, primeiro andar.

Uma escrava parda de boa conducta.

Vende uma mulata de 34 annos, insigne costureira, pois corta e faz camisas para homem e vestidos para senhora, cose palitós, colletes e calças, he boa engommadeira e optima compradeira, muito fiel, e não bebe espiritos; uma bonita e reforçada escrava engommadeira e cozinheira, cuja conducta se afiança: na rua larga do Rozario, n. 48, primeiro andar.

-- Vende-se um escravo de optima figura, mestre carreiro, e que he excellente para todo o serviço de campo: na rua do Hospicio, n. 9, se dirá quem vende.

Bancos.

Vendem-se bancos de palhinha, com 7 assentos, divisão de ferro, e alguns envernizados, proprios para algum theatro, sociedade ou aula, por menos de seu valor: no theatro da rua da Praia, a fallar com Guilherme Sette: tambem se vende bastidores, pannos, e tudo o mais relativo a theatro.

Loteria do Rio-de-Janeiro.

Aos 20:000,000 de réis.

Na loja de miudezas da praça da Independencia, n. 4, vendem-se os afortunados bilhetes, meios, quartos e vigesimos da 24.ª loteria a beneficio do monte pio.

— Chegaram do Rio-deJaneiro alguns retractos de S. M. o Imperador, litografados a meio corpo, e os mais bem parecidos que na côrte actualmente existem, proprios para repartição publica ou salão. Sua Magestade está fardado de generalissimo, com sua commenda do cruzeiro: cada retrato usta 12,000 rs.: na rua do Trapiche n. 40, 2.º andar.

A 4,000 rs. o par.

Vendem-se sapatões de lustro para homem, muito bem feitos, a 4,000 rs. o par: no Aterro-da-Boa-Vista, n. 58, loja de calçado, junto a de selleiro.

Sapatões para meninos.

Vendem-se sapatões para meninos de 6 a 12 annos, muito bem feitos: no Aterro-da-Boa-Vista, n. 58, loja de calçado, junto a de selleiro.

— Vendem-se saccas com gomma superior, a 4$: em Fóra-de-Portas, rua do Pilar, n. 104.

— Vende-se, por o dono ter outro negocio, uma taberna muito acreditada, e com poucos fundos, na rua de S.-Thereza: a tratar na mesma taberna.

Manteletes e capotinhos.

Vendem-se, por 16,000 rs., os mais asseiados manteletes e capotinhos: na rua do Queimado, n. 9.

Roga-se aos freguezes que tenham toda attenção para o novo sortimento que existe na loja da rua do Crespo, n. 6, ao pé do lampeão.

Vendem-se cassas pintadas de côres fixas, a 260 e 280 rs. o covado; córtes de brim branco de linho puro, a 1,920 rs.; ditos de fustão muito finos, a 560 e 640 rs.; cassa preta propria para luto aliviado, a 120 rs. o covado; zuarte de côr, a 200 rs.; riscado de linho para casacas, a 240 rs. o covado, e outras muitas fazendas por preço commodo.

Operas completas para piano e canto,

chegadas ultimamente, e ricamente encadernadas: de Bellini, Somnambula e Il Pirata; de Verdi, Ernani; de Donizetti, Anna Bolena e Bellisario: vendem-se no pateo do Collegio, casa do livro azul.

Pechincha para a pobresa.

No armazem da rua do Rangel, n. 36, vende-se farinha de S.-Catharina, a 1,500 rs. a sacca; arroz de casca do melhor que ha presentemente, a 2,300 rs. a sacca; milho, a 2,300 rs.; arroz pillado, saccas grandes, a 6,500 rs.

-- Vendem-se, na confeitaria da rua estreita do Rozario, n. 43, folhas de papel de Hollanda para a rolamento de inspectores de quarteirão, segundo o modelo dado pela secretaria de policia.

-- Vende-se uma bonita pardinha de 16 annos, com habilidades proprias para mucama, e outra de 35 annos, propria para rua por ser de boa conducta: na rua larga do Rozario, n. 35, loja.

Na rua do Crespo, n. 10,

vende-se um cavallo castanho, de bonita figura, anda bem debaixo a meio, pelo baratissimo preço de 120,000 rs.

Antigo deposito de cal virgem.

Na rua do Trapiche, n. 17, ha muito superior cal nova em pedra, chegada ultimamente de Lisbôa no brigue *Conceição-de-Maria.*

-- Vendem-se amarras de ferro, ancoras, fateixas, e estanho em verguinha: na rua do Trapiche, n. 10, casa de Jones Paton & C.

--Vende-se uma casa terrea na rua Augusta, n. 20, grande, bem construida, com quintal murado, cacimba, porta, e que rende 12,000 rs. mensaes; uma dita na rua de S.-Cecilia, n. 14, com commodos, quintal e cacimba, e rende 8,000 rs. mensaes; a quinta parte do sobrado de dous andares, no largo do Carmo, n. 7: tudo por preço rasoavel, para ajuste de contas: na rua do Crespo, n. 16.

A 2,240 rs. a sacca.

Na rua da Cruz, no Recife, armazem n. 13, e na rua da Cadeia, armazem de Campello Filho, vende-se farinha de mandioca do Ceará, de excellente qualidade, a 2,240 rs. a sacca.

Escravos Fugidos.

-- Fugio, na noite do dia 7 de setembro indo fazer o despeijo, a parda Joanna, de 25 a 30 annos, alta, cheia do corpo, cara redonda, olhos grandes, desdentada na frente, peitos cahidos e cheios, mãos e pés grandes e grossos: levou vestido de chita verde já usado, umas roselas francezas nas orelhas: quem a pegar leve-a á rua Direita, n. 7, terceiro andar, com a entrada pela rua da Penha, que será generosamente recompensado.

-- Fugiram, do engenho Cuararapes, da freguezia da Muribeca, dous escravos, sendo um de nome Job, de 20 annos pouco mais ou menos; he alto e cheio do corpo, com falta de um dedo em um dos pés: e o outro, de nome Affonso, de 18 annos, pouco mais ou menos, rosto bonito e levemente talhado, de altura regular, corpo bem feito: ambos muito estupidos: quem os pegar leve-o ao dito engenho.

200$000.

Fugiram de bordo do brigue *Sem-Par,* vindo do Rio-de-Janeiro, dous escravos, sendo um de nome Sabino, de côr parda, a estatura regular, de 20 annos pouco mais ou menos; levou calças e camisa azues, e bonete encarnado: o outro de nome Euzebio, crioulo, de 24 annos pouco mais ou menos, estatura alta; levou calças, camisa e bonete azues. Roga-se as autoridades policiaes e capitães de campo, que os apprehendam e levem-nos á rua do Trapiche, n. 34, casa de Novaes & Companhia, que recompensará.

-- Fugio, no dia primeiro do corrente, do engenho Onças-Velhas, do Sr. Antonio Pereira da Camara Lima, um preto de nome Thomaz, de estatura alta, alguma couza magro, com falta de côr, falla branda, e descançada; desconfia-se que esteja nesta praça: quem o pegar leve-o ao dito engenho, ou nesta praça, na rua da Praia, n. 50.

-- No dia 20 do corrente, foi comprada a Snra. D. Anna Joaquina Pereira Arantes, uma escrava de nação Moçambique, côr muito fula, e no dia 21 fugio, levando um taboleiro com velas de carnauba e outro com bolos, saia preta de lila, panno da Costa com franja branca, vestido de chita côr de rosa ainda por lavar, saia branca e camisa de algodãozinho: quem o pegar leve-a á rua da Mangueira, na Boa-Vista, n. 10; assim como se roga a todas as pessoas encarregadas da policia, tanto dentro como fóra da cidade a captura dessa escrava que se chama Victoria.

Pern.: na Typ. de M. F. de Faria. — 1850